

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

JOSÉ DE CARVALHO FILHO
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa – Depoimentos Avulsos

Entrevistado – José de Carvalho Filho (JC)

Entrevistadores – Aline Lacerda (AL), Eduardo Thielen (ET), Maria Alice Franco (MA) e Nathacha R. B. Reis (NR)

Data – 14 a 19/12/2012

Local – Rio de Janeiro/RJ

Duração – 2h08min

Responsável pela transcrição – Maria Lúcia dos Santos

Responsável pela conferência de fidelidade – Paulo Parintins e Laurinda Rosa Maciel

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

CARVALHO, José Filho. *José de Carvalho Filho. Entrevista de história oral concedida ao projeto Depoimentos Avulsos*, 2012. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. 63p.

Data: 14/12/2012

Fita 1

AL: Bom, estamos aqui hoje, realizando a entrevista com o senhor José de Carvalho Filho, os entrevistadores são Aline Lopes de Lacerda, Eduardo Thielene Alice... Alice? Seu sobrenome?

MA: Maria Alice Franco.

AL: Maria Alice Franco. Hoje é dia 14 de dezembro de 2012, estamos aqui na Casa de Oswaldo Cruz, no Departamento de Arquivo e Documentação...

ET: Do prédio da Expansão.

AL: No Prédio da Expansão da Avenida Brasil, na sala de reuniões do 4º andar, Setor de Pesquisa. E na verdade essa entrevista, o objetivo dela maior é saber da história do senhor José, como fotógrafo no IOC, e também podermos colher informações sobre o serviço fotográfico, a constituição do acervo, com o objetivo de entendermos melhor o nosso conjunto documental e a história da formação desse conjunto documental, para que a gente possa melhor organizá-lo e tratá-lo.

ET: hum-hum.

AL: Então, eu gostaria de começar falando um pouco sobre a sua infância senhor José. Onde o senhor nasceu? Como é que foi a sua infância?

JC: Eu nasci na estrada de Manguinhos, 199, aqui no Amorim. Quer dizer, eu nasci... Eu nasci no Hospital São Francisco de Assis, na (av) Presidente Vargas, mas eu vim recém-nascido aqui pro Amorim. Nós não tínhamos ainda a casa feita; esse terreno meu padrinho que comprou e deu pro meu pai. Então tinha um barracão onde a gente passou a morar nesse barracãozinho no fundo do quintal enquanto meu pai começou a construir a casa. Por sinal, uma casa muito boa que ainda está na estrada de Manguinhos. E então, eu com 4 anos de idade, vamos dizer assim, porque eu comecei a me entender mais de 4 anos em diante, né? E do meu quarto eu abria a janela e já via o Castelo, quer dizer, desde pequeno eu já via o Castelo na minha frente, o Pavilhão do Quinino também. Na época ainda tinha dois andares. Os outros dois andares foi... em 1941, se não me engano, é que foi acrescentado mais dois andares. E, além disso, a vista geral da área era muito grande porque não tinha prédios como

agora, com muito arvoredo, modificou tudo por aqui. Então, da janela da minha casa eu via o mar, essa praia, vamos dizer aí desse canal.

ET: Era o mangue, é isso?

JC: Era o mangue que foi aterrado com a Barreira do Vasco, por isso chama barreira do Vasco. Conta meu pai que eram bombas d'água, de mangueiras d'água que jogavam a água na barreira e a terra aterrou essa parte aqui pra baixo, né? Mas, voltando então lá onde eu nasci, tinha o aeroclube do Brasil, que era o negócio de aviões, né? Teco-tecos aqui do lado; aqui já é parte do terreno do Aeroclube. Então tinha duas pistas, uma pista de norte e sul e uma pista ao contrário.

Então, os aviões taxiavam ali, voavam, passavam por aqui, mas nesse período eu fui crescendo e eu estudava na escola Bahia. Com seis anos e pouco, mas antes disso tem outra parte da minha história. Joaquim Venâncio e a esposa dele, Dona Sebastiana, eram praticamente vizinhos nossos, tanto que a Dona Sebastiana tinha umas vaquinhas na casa dela. Então, ela tirava o leite e o Sebastião que também trabalhou com a gente lá em... Sebastião do Patrocínio, ele é que levava. Devia ser moleque na época, levava aquele litrinho de leite lá, levava pra minha mãe pra dar pra mim, né? Quer dizer, eu já devia estar com um ano por aí assim. E o filho do Joaquim Venâncio foi o meu primeiro professor, foi com quem eu comecei a ler as primeiras palavras, devia ter uns 5 anos por aí, né? Que meu pai era muito severo, achava que tinha que estudar e tal. Então, o filho do Joaquim Venâncio foi o meu primeiro professor. Ele tinha cinco filhos homens, ele não tinha filhas, né? Era Joaquim, era Hugo, era René, Vanderlei e o outro... Joaquim e tinha um outro que eu não me lembro agora o nome, mas eram os filhos dele, né? Então, o Joaquim é que me dava aula nessa época.

Então dali de Manguinhos eu ficava vendo o Instituto e fui estudar na escola Bahia. Com seis anos e meio, eu saía daqui de cima do Amorim, descia por dentro do terreno onde tem hoje o Pavilhão de Cursos, não existia na época, né? Não existia também o Carlos Chagas, ia caminhando pela Avenida Brasil até Bonsucesso, até o colégio Bahia. Então todo dia era isso, essa viagem até lá o colégio Bahia, no calor, com frio, com chuva, como é que fosse.

E o interessante que passando por dentro do terreno, porque a gente... Na época o Instituto não era murado, eram cercas de arame farpado com mourões e aquele arame farpado que se usa na

roça pra proteger o gado, né? Prender o gado. Então isso era a cerca que tinha dentro do Instituto. Eu pediria se pudesse dar uma paradinha pra eu respirar.... (risos) Interrupção.

ET: Eu quero saber se o senhor vinha brincar aqui dentro?

JC: Isso eu vinha muito.

AL: Pulava essa cerca, né?

JC: Eu passava por baixo da cerca.

AL: Podemos gravar? Tá bom? Ou o senhor quer mais um tempinho?

JC: Não, deixa eu descansar.... eu falo, vou me lembrando e conto de novo. Então onde tinha o aquário...

ET: Ham-ham. Destruíram, né?

JC: Foi jogado e hoje a patologia está exatamente onde estava o aquário. E eu criança, passava pelo buraco por debaixo da cerca, vinha brincar ali dentro daquele aquário.

ET: Ficava vendo os peixes lá?

JC: Não, não tinha peixes.

ET: Ué! Mas o aquário não tinha peixes?

JC: Não. Já estava sendo destruído, né?

AL: Hammm.

JC: Estava cheio de hera, de planta. E o interessante é que ele tem aquela coluna, e ali no meio tem um vão como se fosse um buraco pra elevador, agora pra que era aquilo eu não sei, porque só tinha a parte térrea e o resto era só enfeite. Uma escadinha que subia até lá no coisa (sic)¹. Aí a gente ia pegar ovo de coruja. Criança, né? Achava aquele ninho de coruja lá, pegava o ovinho, aquela coisa... Brincava ali. E vinha muito aqui dentro da Fundação, mesmo pra pegar goiaba, porque eu como criança frequentava o Hospital Evandro Chagas. Era resfriado, dor de barriga, era o que a gente tinha naquela época, era dor de barriga, resfriado. Está gravando?

¹ Provavelmente o depoente quer se referir a algum detalhe do prédio e de sua construção, mas não se lembra do nome exato.

AL: Vamos gravar? Já ta gravando?

JC: Então, eu vinha aqui no Hospital Evandro Chagas pra fazer os tratamentos, né? Então, o Dr. Nóbrega, era o médico que atendia a gente, Dr. Lobo, mas Dr. Lobo já era bem mais antigo e Dr. Cícero que atendia. E naquela época a gente doente, criança, né? E o interessante que eram 15 pessoas por dia eram atendidas no hospital. Sendo 5 de quem morava longe, 5 de quem morava perto e 5 pra funcionários do Instituto. Então, eu geralmente pegava dentro desses 5 de funcionários do Instituto. Mas tinha que chegar lá 4h e meia, 5 horas da manhã pra ser atendido, né? Porque quando abria aqueles médicos estavam sempre muito ocupados porque tinha os pacientes do próprio hospital também. E mais tarde o Dr. Laranja também me atendeu, mas aí eu já era adulto. Estava até pra me casar na época.

Então, o médico lá receitava e a receita era... O medicamento era fornecido pelo hospital, e da gente não cobrava nada. Agora era assim: resfriado, aí tinha um xarope com um gosto estranho e uns comprimidos.... não era comprimido, era um negócio de farinha, assim, umas cápsulas, com duas tampinhas assim...

AL: Uns tabletes.

JC: Enchia aquilo alie colava, né? Então, vinha aquele saquinho com aquele medicamento, mas curava. Sei que a gente ficava bom de tudo. E quando estava com dor de barriga era elixir paregórico mesmo que vinha pra gente. Então, dentro do IOC eu fui me desenvolvendo, estudando no Colégio Bahia, daí me deu na cabeça que eu tinha que fazer um curso melhor.

AL: Deixa eu fazer um aparte aqui, antes do senhor falar sobre o curso, uma outra pergunta que tem a ver com a sua infância que é: o seu pai trabalhava pra o Instituto Oswaldo Cruz, né?

JC: Trabalhava.

AL: Eu queria que o senhor falasse um pouco, qual foi a função, como ele chegou a trabalhar, o que ele fazia, quando foi isso.

JC: Meu pai veio de Portugal. Tem ali um...

ET: O senhor quer ver as fotos?

JC: Não, é aquele...

AL: Um documento.

JC: É o documento de que ele foi naturalizado.

ET: Hamm.

JC: Ele chegou aqui acho que em 1925. Aqui, a assinatura....

AL: Em [19]33 ele é naturalizado oficialmente, né?

JC: É. Com a assinatura do presidente Getúlio Vargas.

AL: Ele chega ao Brasil em [19]25?

JC: Deixa eu ver 25.... [19]35 ele casou-se. É foi por aí, mais ou menos em 1925, que ele veio para o Brasil, porque ele serviu o exército lá em Portugal, até os 20 anos, depois deve ter ficado mais um tempo lá e com uns 25 anos ele deve ter... Quer dizer ele nasceu em 1905, 20, 25... é, mais ou menos nessa época. Ele deve ter servido o exército e veio embora para o Brasil, né? E ele chegando aqui, ele foi trabalhar numa olaria em Bonsucesso, fazer moringa, fazer aquele negócio, né? E então, aí ele fez amizade com outras pessoas, que foi seu Avelino Caetano que trabalhou também na Fundação e um outro que não me lembro o nome agora, e que também trabalhava. Então, ele não tinha onde morar, eles moravam na cocheira, ele dormia lá na cocheira, ali na cocheira, então eles ficavam ali.

ET: É na cavaliçã?

JC: Cavaliçã. É.

AL: Então, quando ele trabalhava na Ollaria, ele já pernoitava aqui?

JC: Não. E aí ele veio aqui pra Fundação, aí eu não me lembro o nome.... não sei a data que ele fez isso não. Eu não sei, eu não tenho documento aqui que fala o ano que ele tenha vindo aqui para o Instituto porque ele era motorista, então ele dirigia o carro do Dr. Lauro Travassos.

AL: Ele veio pra desempenhar essa função de motorista?

JC: Eu não sei como é que eles definiam as funções naquela época, ele acabou técnico de laboratório, trabalhou na Helminologia; fazia aquelas necropsias dos animais, pegava os helmintos, aquelas coisas das pesquisas lá do Dr. Herman Lent, do Dr. Lauro Travassos, Teixeira de Freitas com quem ele trabalhava. Então, ele.... vamos dizer, não sei a data exata

que ele foi trabalhar na helmintologia, mas ele não tinha conhecimento de laboratório, não tinha nada. Então, ele dirigia o carro do Dr. Lauro Travassos e aí trabalhando com o Dr. Lauro Travassos, dirigindo o carro, ele devia entrar no laboratório, então foi se acostumando até que ele deve ter aprendido a trabalhar no laboratório, a fazer aquela pesquisa lá para o doutor fazer os trabalhos dele. E então, ele ficou ali.

Mas o meu tio-avô já tinha vindo de Portugal antes, o que comprou esse terreno de 500 metros quadrados aqui em cima no Amorim e passou para o meu pai. Esse meu tio-avô era verdureiro antes, ele vendia verdura com aquelas cestas na cabeça. Depois ele também conseguiu entrar aqui na Fundação, trabalhar aqui no Instituto. Então ele trabalhava lá no Vacínico que é a Casa Amarela hoje, ali era o Vacínico. Ele era vigia lá, mas ele antes disso também, ele trabalhou com raiva. Então, eu não sei se o senhor já viu umas fotos que tem uma chaminé?

ET: Ah! Pois é, porque antes aqui era uma fazenda que queimava o lixo da cidade.

JC: Da cidade queimava ali. Então, esse material que tinha contaminação de raiva, né? Era tudo jogado ali naquele incinerador dessa chaminé. Essa chaminé parece que foi derrubada, muitos anos depois, por causa do aeroclube, que os aviões podiam bater ali na chaminé. Mas então, meu pai continuou trabalhando para o Dr. Lauro Travassos, Teixeira de Freitas lá no laboratório de helmintologia. Aí ele já era laboratorista, na época eles chamavam de laboratorista. Acho que ele não chegou a técnico de laboratório não, ele ficou como laboratorista mesmo. Mas então, ele trabalhando lá, ele conheceu a minha mãe, que a minha avó se tratava com o Dr. Arêa Leão, que ela teve erisipela, que ela teve... Então ela vinha lá de Bonsucesso, da [Rua] 24 de fevereiro onde ela morava, e vinha se tratar com o Dr. Areia Leão. E nessas vindas aqui na Fundação e tal, a minha mãe conheceu meu pai. Então, meu pai... tem uma foto dele, não sei se tem aqui, lá na casa da minha avó, ele magrinho, aquele esqueleto, e aí casaram-se em 1935. Aí eu nasci em [19]36 e o meu irmão nasceu em [19]37. Aí ele já veio pra esse terreno que tinha o barraco lá nos fundos, a minha mãe comigo recém-nascido morava nesse barraco, enquanto meu pai começou a construir a casa aqui no Amorim.

Aí construiu a casa e tal, ele continuou trabalhando no Instituto, e então, em 36 eu nasci. No dia 25 de fevereiro de 1936, nasci no Hospital São Francisco, que foi o Dr. Lacorte, José Guilherme Lacorte, é que trabalhava de estagiário lá no Hospital São Francisco e fazia esse

estágio aqui na Fundação. Aí sabendo que a minha mãe estava grávida, ele arranjou pra eu nascer no Hospital São Francisco. Levou lá para o hospital onde eu nasci, né? Minha mãe conta uma história, não sei se é verdadeira, de que eu recém-nascido, ela está lá na cama, aí trouxeram foi um gato enrolado pra dizer que era eu, né? Não sei se é verdade ou mentira.

AL: Uma pegadinha, hein?

JC: É. Uma pegadinha. Aí levaram o gato lá pra ela. Mas aí eu vim pra minha casa e o meu pai continuou trabalhando na Fundação. Naquela época do laboratório, eu devia ter o quê? Uns 6 anos por aí assim, meu pai aos sábados e domingos, ele vinha do laboratório pra alimentar os animais. Então eles lá tinham pombos, com esses pombos eles alimentavam os barbeiros; tinha furão, tinha muito furão, não me lembro nem como era esse bicho o tal de furão, tinha cobras.

Certa vez de manhã, nós chegamos lá no laboratório uma das cobras teve filhotes, mas não era ovípara, não né? Era vivípara e aí tinha cobrinha pra tudo quanto é canto lá, acho que era cascavel, uma coisa assim. Aí meu pai saiu catando aquelas cobras todas, botou lá num frasco de sangria e botou aviso pra quem fosse calçar sapato pra ver se não tinha cobra dentro do sapato.

E, além disso, de alimentar os animais, meu pai fazia a montagem das borboletas. Então, tem uma coleção de borboletas ali no Castelo, muitas delas foram montadas naquelas gavetas pelo meu pai. E aqueles insetos também que estão lá na Casa, na Cavalariça, ali naquela exposição, tem umas baratas d'água, aquele negócio, o meu pai também é que fazia aquele tipo de serviço. Então, aos domingos ele costumava ir lá pra cima do sótão da helmintologia e ficava montando aquilo. E sempre orientando, eu e meu irmão, a gente ficava mais era fazendo bagunça lá em cima, mas ele ficava prestando atenção no que ele fazia, né? Então, isso aí vamos dizer, eu devia ter uns 6, 7 anos. Foi mais ou menos na mesma época que eu estudava no Colégio Bahia. Mas então meu pai continuou trabalhando no laboratório, mas como ganhava muito pouco, que funcionário ganhava pouco, e ele trabalhou em um trabalho de febre amarela e esse período de febre amarela dobrava o tempo de serviço, tanto que em 1956 ele resolveu se aposentar. Recebendo integral porque dobrou o tempo que trabalhou na febre amarela.

Então, ele se aposentou em [19]56, foi aí, que graças a Deus também, embora ele tenha morrido, que é o fim de todos nós, ele conseguiu adquirir alguma coisa. Eu sempre digo pras pessoas que meu pai era um Rockefeller dos pobres. Porque ele trabalhava na Fundação, ganhava muito pouco, que o funcionário ganhava pouco, tanto que não gostava desse presidente não porque todo aumento que era dado era de 2%, 3%, não era nada na época.

ET: Durou muito, né?

JC: Ham?

ET: Durou muito, né?

JC: É.

AL: Era o Vargas?

JC: Getúlio Vargas: “Trabalhador do Brasil”.... Porque era mais para o lado dos trabalhadores operários. Funcionário público naquela época era considerado gente malandra, que não fazia nada, mas então, ele se aposentou em 1956 e passou a ser vendedor de terrenos. Na época que tinha aquele Jardim América, jardim não sei o que... Eu sei que tinha jardim pra todo lado, e ele vendia terrenos. Mas em 55, eu já estava servindo o Exército, eu fui assaltado na Avenida Brasil. Meu pai sempre foi muito econômico, mesmo ganhando pouco e tudo ele... Tanto que ele comprava uma garrafa de cerveja, cerveja não! De guaraná e era divididapra quatro, né? A garrafa de guaraná era dividido pra quatro: minha mãe, eu, meu irmão ainda botava água pra aumentar. Para não dizer que não tinha uma bebida na refeição. Então, ele era muito econômico, quando eu fui assaltado ele ficou tão chateado que ele comprou um apartamento aqui em Higienópolis, na rua Cesar Marques que hoje é chamado de Manguinhos, mas ali era Higienópolis. Aí, comprou um apartamento lá que era pra pagar em 10 anos e em 4 anos já tinha pago o apartamento, porque ele continuava trabalhando na Fundação. Mas, nesse terreno aqui em Manguinhos ele construiu lá uns barraquinhos, umas casinhas que ele alugava. Então, ainda tinha esse dinheiro, mas era muito pouco, vamos dizer, 5 reais o aluguel naquela época. Tem gente que já tem 40 anos e ainda mora lá. Então ele comprou esse apartamento devido a esse meu assalto e ficamos morando nesse apartamento na rua Cesar Marques, número 41, apartamento 102.

AL: Queria só uma curiosidade.... Voltar um pouquinho? O que ele fez na Febre Amarela? Que trabalho ele fez, que função ele fez?

JC: Eu não sei se foi trabalho laboratorial...

AL: Já no Pavilhão?

ET: É. Já existia o pavilhão, né?

JC: É. Já existia.

AL: Lá no pavilhão. Ele trabalhou no pavilhão, junto com o pessoal da Rockfeller na época dos americanos?

JC: Não sei... Aí eu não sei explicar não, não sei explicar pra senhora não. Aí eu não sei... Também eu estou falando febre amarela, também não sei se foi Febre Amarela, Doença de Chagas ou Malária.

AL: Está bom. Está certo.

JC: Entendeu? Eu estou falando Febre Amarela porque era mais específica. Apesar, que eu tenho a certidão da atividade dele, né? Dos anos que ele trabalhava aqui na Fundação. Então, ele comprou esse apartamento e continuou.... Em 56 então ele se aposentou, eu fui assaltado em 55. É, ele se aposentou logo após do assalto. Foi mais ou menos na época que ele comprou esse apartamento lá em Higienópolis. E ele na atividade dele, ele era um português forte, saía de manhã só voltava quase de noite andando por esse Rio de Janeiro todo. Tanto que ele, de vendedor ele passou a ser inspetor de venda. Então, além dele ganhar o dele como vendedor, ainda ganhava a parte que ele fazia como inspetor, né? Aí, disso aí ele comprou mais um apartamento aqui em Higienópolis, comprou outro apartamento lá na.... Eu não sei o nome daquele lugar não.... Largo do Bicão, por ali ele comprou outro apartamento, aí vendeu aquele apartamento.... Aí ele ficou com câncer, né? Naquela época não tinha exame de PSA, não tinha essas coisas assim. Então, teve o problema de urina, né? Aí foi operado aqui em Bonsucesso, no Hospital de Bonsucesso², ficou uns 15 anos vivo depois de operado e trabalhando e ele fez a compra desses apartamentos; vendeu o lá do Largo do Bicão, comprou outro e ficou com câncer, mesmo sendo operado. 15 anos depois apareceu o câncer. Aí ele

² O depoente se refere ao Hospital Geral de Bonsucesso, localizado na Av. Brasil, próximo à Fiocruz.

trabalhava também no Abrigo Cristo Redentor, arranhou uma atividade de laboratório, produzindo vitaminas, aquelas coisas, trabalhava no Abrigo Cristo Redentor e continuou trabalhando até morrer praticamente. Aí ele....

AL: Posso voltar um pouquinho?

JC: Pode. Se puder dar uma paradinha.

AL: Vamos dar uma paradinha. Que nesse tempo o senhor já estava trabalhando aqui, né? (Interrupção). E depois, como se deu o seu desenvolvimento escolar e a sua formação de fotógrafo? Então, eu quero que o senhor fale um pouquinho do seu desenvolvimento escolar e etc, e se o senhor já entra aqui como fotógrafo ou não?

ET: Como que o senhor entra.

AL: Então... Vamos começar....

ET: Eu queria perguntar uma coisa antes, então. Como é que a fotografia entrou na sua vida sr. José? Qual é a primeira vez que o senhor lembra de ter feito uma fotografia?

JC: Vamos chegar lá.

ET: Isso.

JC: Vamos chegar lá.

AL: Então podemos então saber como é que foi a sua formação?

JC: Deixa eu ver a minha parte de formação. Quando eu estava no Colégio Bahia, eu estava já perto de... Eu fui reprovado dois anos, eu era burrinho, dois períodos, porque naquela época eram oito anos que a gente fazia o primário, né? Não, cinco, cinco anos, era até o quinto ano, depois ainda fazia outro curso que era ginásial pra depois entrava no superior, fazer vestibular, essas coisas. Mas nesse período que eu estava estudando no Colégio Bahia com 13, 14 anos eu resolvi resolver a minha vida. Aí, eu fiz prova para o SENAI, trabalhar em artes gráficas no SENAI. Aí fiz a prova e tal, passei, mas só que eu não gostei porque a minha média foi tão baixa, porque de acordo com a média podia fazer eletrônica, fazer outros cursos, pra mim era pra ser artes gráficas. Mas antes disso também eu fiz prova para o Exército pra a fábrica de máscaras, que era uma fábrica que eu não sei se existe ainda, na entrada da Ilha do

Governador, do lado esquerdo tinha ali a fábrica de máscara que era do Exército. Aí eu fiz prova pra lá, aí passei em 4º lugar. Aí fiquei feliz, mas como o meu pai ganhava pouco, em 55 e ele se aposentou em 56, ganhava pouco. Então, eu teria que ter dinheiro pra passagem pra ir lá pra esse colégio de fábrica máscara do Exército, teria que ter a refeição pra ir pra lá. Aí meu pai conversando com um amigo dele, Sr. Miguel que trabalhava na fotografia, aí na época o Dr. Olympioda Fonseca, em 1950, era o diretor e não tinha negócio de presidência não, era diretor do Instituto.

Aí teve um problema com o tifo no Brasil, começou a ter uma epidemia de tifo no interior, o Dr. Olympio da Fonseca, foi até criticado, tem obras aí que fala dessa crítica, do dinheiro que era gasto, que não era pra isso. Ele acabou admitindo uns 10 funcionários na época, então eu não fui pra fábrica de máscara porque meu pai não tinha dinheiro pra me sustentar. E como aqui no Instituto o almoço era de graça, era tudo de graça, né? Então, o meu pai preferiu arranjar esse emprego pra mim aqui no Instituto e a noite eu continuei estudando o ginásio. Aí, quando eu vim pra trabalhar no Instituto nessa época, 1950, eu fui trabalhar na distribuição de vacinas, vacinas tíficas eparatífica, que era ali no Castelo. Então, eu trabalhava no primeiro andar, no corredor ficava a sala onde a gente fazia a distribuição. Eram sete bicos de (Inaudível), sete maçaricos, cesta de ampolas esterilizadas e a gente enchia aquilo.... Até tem o desenho aí que eu fiz mais ou menos. Então, eu trabalhava nessa distribuição de vacinas. Só que meu pai sempre foi meio exigente com as coisas, ele achava que aquilo ali não dava nada, que ser distribuidor de vacina não dava pra evoluir. Aí que ele falou pra esse Sr. Miguel que trabalhava na fotografia pra arranjar um lugar pra eu trabalhar na fotografia. Então, lá do térreo fui para o sótão onde era a fotografia, no sótão onde tem o vitrô que dá ali para o terceiro andar, tem um vitrô ali bonito, não sei se o senhor já viu.

ET: Era o 3º e 4º, ou 2º, 3º?

JC: Era o 5º, quer dizer chamava de 5º andar, mas não era andar, era um sótão.

ET: Sei, sei.

JC: Era um buraco, pra lá e pra cá, ali era a fotografia.

AL: Ali era um serviço fotográfico?

JC: Ali era um serviço fotográfico.

AL: Da época do J Pinto, não?

JC: Deve ser.

ET: Não, ele falou Miguel.

JC: Deve ser.

ET: O senhor falou Miguel?

JC: Sr. Miguel já era o outro diretor.

AL: Não, Miguel foi quem indicou, mas o lugar...

JC: Foi quem meu pai conversou e ele arranhou pra eu sair...

ET: Ah ta!

JC: de onde eu fazia a distribuição de vacinas pra eu trabalhar no serviço fotográfico.

ET: No serviço fotográfico.

JC: Não era serviço fotográfico, eu não sabia nada de fotografia. Eu fui pra lá como um servente, então aquela poeirada tremenda, ficava varrendo aquilo.

AL: E oi que era esse lugar da fotografia, quem trabalhava lá nesse período?

JC: Eu creio que o Pinto chegou a trabalhar lá.

AL: Mas não trabalhava mais quando o senhor chegou?

JC: Não, quando eu cheguei não. Ele deve ter aposentando.

AL: Quem é que era? Quem é que estava lá?

JC: Aí tinha o Milton, Sr. Milton que era....

AL: O senhor lembra do nome todo, não?

JC: Não me lembro não.

AL: E o nome era serviço fotográfico, o senhor lembra?

JC: Serviço de fotografia. Então, tinha o Milton que trabalhava na fotografia e trabalhava uma moça que chamava-se Anadir Fernandes de Queiroz. E o Milton trabalhava lá na fotografia e eu comecei a ver como fazia, como é não fazia. Mas, também não foi por muito tempo, porque esse Milton ficou doente menos de 6 meses depois que eu fui trabalhar na fotografia, ele ficou tuberculoso. E naquela época tuberculose não tinha tratamento, então ele se internou em um hospital ali em Cascadura, por aí assim.... Um hospital que fica lá em cima, em um morrinho. E ele operou o pulmão, parece que perdeu um dos pulmões. Então, eu na fotografia, nessa época, já tinha conhecimento assim raro, né? Aí tinha o Sr. Miguel também ajudava e veio um outro rapaz um tal de, acho que era Oto, começou a trabalhar lá, mas também não vingou acabou saindo e eu fui aprendendo, né? E o chefe lá na época era o Dr. Nin Ferreira.

AL: Nin Ferreira? Como é que era o nome?

JC: Era Augusto José de Nin Ferreira, se não me engano o nome dele.

AL: Esse era o chefe da fotografia?

JC: Era o chefe da fotografia e do desenho porque tem outras histórias... Por isso que eu digo que é difícil contar, porque é história dentro de história, entendeu? Tem uma, mas tem outra pra cá. Tem uma pra cá e outra pra lá.

ET: Isso que é bacana.

AL: Tudo isso no Castelo nesse momento?

JC: No Castelo, que o Nin Ferreira era chefe da fotografia e chefe do desenho. O desenho ficava no 1º andar, 1º, 2º andar.... É uma sala que tem um negócio elevado assim, em uma daquelas salas ali. Então, o Dr. Nin Ferreira era chefe e ali nessa sala desenhista trabalhava o Sr. Pugas, Puga, o nome dele, a Dr. Edith, que era prima do Dr. Olympio da Fonseca, Edith da Fonseca, que se casou com o Dr. Penido, Dr. Penido, eles se casaram. Só que Dr. Penido gostava da água que passarinho não bebe, né? Ele entornava muito bem (Risos) e a D. Edith era prima do Dr. Olympio da Fonseca, então aquilo chocava um pouco ela. Ele acabou tendo um câncer de garganta, ficou até internado aí no Hospital Evandro Chagas. Contam que deixavam uma garrafinha de álcool lá pra limpar as mãos e ele bebia aquele álcool (risos de

todos). Aí tiraram o álcool de lá e molhavam o algodão e dava pra ele chupava o álcool no algodão.

AL: Ele era danado.

JC: Acabou morrendo. Mas então, eu estava na parte do Nin, né?

ET: hum-hum.

AL: Do Dr. Augusto quando o senhor, né?

AT: É.

JC: Aí tinha o Dr. Nin Ferreira que era o chefe do desenho e da fotografia. Em 1952, mais ou menos, eu já estava entendendo de fotografia e o Milton não voltou. Então, eu fiquei responsável de fotografia por 8 divisões, porque naquela época eram divisões no Instituto, né? Tinha 8 divisões. Então, eu fiquei responsável por essas 8 divisões do Instituto Oswaldo Cruz, como era chamado na época, não era Fundação.

AL: Como fotógrafo? O senhor ficou responsável por essas 8 divisões do IOC.

JC: Da fotografia.

AL: No serviço de fotografia?

JC: Fotografia. Eu sozinho.

AL: Então tinha outra pessoa que dividia esse serviço de fotografia com o senhor? Outro fotógrafo?

JC: Não. Tinha a Anadir que ajudava, ela aprendeu também então, vamos dizer, eu ficava lá no ampliador, expunha, né? As fotografias e passava pra ela revelar, passava (Inaudível) e fixar.

AL: Ela trabalhava, então, no laboratório?

JC: Ela fazia o serviço de registro no livro. Aliás, eu tenho pena desse livro ter sumido, porque no Instituto muita coisa sumiu, era o livro de registro.

AL: De tudo que se produzia?

JC: E tudo que se produzia. Então, a fotografia....

AL: Também não tinha fichas?

JC: Não, as fichas vieram muito depois, quando eu vim pra Rockefeller.

ET: Quer dizer que o senhor já está gostando, está gostando do papo. Está gostando do papo.

JC: Eu gosto, porque sempre foi uma coisa... Aquele monte de papel, eu ficava escrevendo, escrevendo e não sabia o que ia fazer com aquilo.

(Interrupção)

AL: Ta. Então vamos começar.

JC: Além das perguntas que queiram fazer aí eu gostaria de contar a minha... Quer dizer, a minha história, a história inclusive da Fundação no período de 1944 a 45 por aí assim, entendeu? Contando o campus como é que era, o que tinha, os animais que tinham, os pássaros, os animais... como é que vou falar - mamíferos, né? E a vegetação, tudo isso. Porque eu já contei algumas coisas que foi do acidente do avião e da morte do Pedro lá no Castelo, mas aí tem a história daqui do campus do lado de lá, que este aspecto assim, eu não contei.

AL: Tá. Então, podemos combinar assim uma dinâmica pra hoje?

JC: Hum-hum.

AL: Poderia ser assim: nós ainda temos algumas dúvidas, coisinhas que a gente quer retomar da última seção, a gente perguntaria e nós gostaríamos de finalizar a sua trajetória aqui dentro, né? Porque nós conversamos muito do período da Rockefeller, anos 50, né? Então, nós gostaríamos de hoje começar com essa.... A partir dali, depois da Rockefeller pra onde o senhor foi, o seu percurso dentro da Instituição no serviço fotográfico e o que o senhor via desse serviço, as informações sobre o desenvolvimento desse serviço, como ele se dava. Então, a gente começa assim e quando estivermos satisfeitos com essas informações, a gente pode então....

JC: É porque eu gostaria, que eu vim guardando isso na cabeça, que eu não tinha contado. Que eu contei que o meu tio-avô que veio primeiro de Portugal e veio trabalhar aqui no Instituto, né? Aí eu não sei se foi na mesma época que meu pai ou se foi antes do meu pai ou depois. E o nome dele era José Serafim de Melo, aí a história é a seguinte que o meu pai veio trabalhar no Instituto, aí botaram o nome dele de Melo, aí quando eu vim trabalhar também em 1950 todo

mundo me chamava de Melinho. Então, o José era meu era meu tio-avô, meu pai era o Melo e eu o Melinho. Então, todo mundo me chamava de Melinho. (Risos) E Carvalho só depois quando eu fui pra a virologia que começou esse negócio de Carvalho, Carvalho, que começou lá nas Pioneiras³, né? Porque a história é ligada, porque eu trabalhava aqui e trabalhava nas Pioneiras. Trabalhava 4 horas lá e o resto do tempo aqui na Fundação. Então, tinha essa história do Melo e do Melinho. Então, o meu era Melinho.

ET: Do tio-avô como é que era?

JC: José Serafim de Melo.

ET: Esse é tio-avô?

JC: Meu tio-avô.

ET: Era o Melão. (Risos)

JC: É. Mas não chamavam Melão, não. Não sei se chamavam de Melo também, porque também ele já era bem mais idoso, ele faleceu com 95 anos dormindo, não tinha aparentemente doença nenhuma. Então, meu pai que veio pra cá chamava de Melo e quando eu vim passei a ser o Melinho.

ET: Depois virou Carvalho?

JC: É. Aí depois com mais idade... porque eu era garoto ainda, aí chamavam de Melinho. Depois que eu fiquei mais velho. Mas então depois, eu só queria dar continuidade....

³ O depoente se refere ao Hospital das Pioneiras Sociais, localizado no bairro da Tijuca.

Data: 19/12/2012

AL: Dar continuidade, é. Deixa eu só gravar aqui o cabeçalho com as informações do nosso encontro. Hoje é a segunda seção de depoimentos do Senhor José de Carvalho Filho, ele está prestando depoimento aos entrevistadores Eduardo Thielen, Aline Lopes de Lacerda e Alice...

E3: Maria Alice Franco.

AL: Maria Alice Franco. Hoje é dia 19 de dezembro de 2012...

NJC: E eu.

AL: E a Natasha Regazine. Desculpa, Natasha. 19 de dezembro de 2012, estamos aqui no 4º andar do Prédio da Expansão, na sala do Departamento de Pesquisa, mas essa entrevista ela está sendo... foi organizada a partir.... Não tem o projeto específico, mas a partir de necessidade de nós obtermos informações sobre o desenvolvimento dos serviços fotográficos do IOC, a partir do depoimento do senhor José de Carvalho Filho.

JC: **After** Joaquim Pinto.

AL: Após a saída, a aposentadoria de J Pinto. Então, eu gostaria de começar com o J Pinto de novo, mas pra fazer....

JC: Eu não cheguei a conhecer.

AL: Eu sei que não.

JC: Ele deve ter se aposentado ou saído em 48 ou 49, o filho dele que poderia dar uma informação mais precisa, né? Inclusive, eu achava que ele tivesse feito alguma viagem dessas aí, desses pesquisadores, né? Essas viagens aí para o norte, nordeste do Brasil. Não. Segundo eu soube, ele só fez uma viagem que foi pra Lassance, com o Carlos Chagas que ele foi.

Mas, aí depois de 1950 eu vim pra Fundação, até 51 mais ou menos eu trabalhava no serviço de distribuição de vacinas, que a gente fazia a vacina, distribuía a vacina antitífica, paratífica. Então, eu fiquei lá mais ou menos um ano até que eu fui pra seção de fotografia, lá no 5º andar, quer dizer, no sótão do Castelo. E por felicidade ou infelicidade, o rapaz que trabalhava como fotógrafo lá, o Milton, ficou tuberculoso, acho que não levou nem seis meses quando entrei lá, ficou tuberculoso. Eu entrei como servente, ficava varrendo, limpando, mas ao

mesmo tempo eu acompanhava os trabalhos de fotografia e fui aprendendo também. Aí o Milton saiu pra ser operado, porque não tinha cura naquela época pra tuberculose, ele saiu pra operar e dali ele se aposentou por invalidez, não voltou mais e eu fiquei sozinho na fotografia e tinha uma menina que era secretária lá, a Anadir Fernandes de Queiroz, eu acho que a senhora anotou, que ela que fazia o serviço de registro e tal. Depois ela aprendeu e ficava na câmara escura ajudando a revelar as fotografias, que era muita cópia, muita coisa pra fazer. Então, nessa época que o Milton foi aposentado, eu fiquei sozinho tomando conta de 8 divisões que tinha o Instituto na época, o Instituto Oswaldo Cruz com 8 divisões.

AL: Isso foi em que época? Anos 50 ainda?

JC: 51, 52, por aí assim.

AL:Ta.

JC: Eram oito divisões, o diretor na época o diretor era o dr. Olympio da Fonseca.

ET:Deixa eu perguntar assim, todas as divisões elas faziam pedidos para o serviço fotográfico? Como é que era, lembra disso?

JC: Lembro, mas não existia essa coisa deles fazerem a divisão do tal vai pedir.... Não tinha isso não.

ET: Era direto?

JC: Era direto.

ET: Entendi.

JC: Era 'tête-a-tête'. O cara chegava e falava: eu quero fotografia tal.

AL: Era direto, o pesquisador com o senhor?

JC: Era direto.

AL: Pesquisador e fotógrafo direto.

JC: Direto. Então, era serviço pro hospital, serviço pro Dr. Edézio Viana, às vezes ele ligava lá pro coisa (sic), o Dr. Venâncio recebia a ligação: "Olha, José, tem um serviço pra fazer lá no

Dr. Edézio Viana...” ou então com o Dr. Walter Cruz. O Dr. Walter Cruz ligava aí o Dr. Venâncio me avisava.

ET: Mas, fazia registro do trabalho que era feito?

JC: No início.

ET: Depois fazia um relatório anual, algo assim, como é que era?

JC: Não. Aí já ficava por conta da chefia, né?

ET: Ah tá!

JC: O Dr. Venâncio. Quer dizer, isso foi depois, que em 1956, é que o Dr. Venâncio passou a ser o chefe da fotografia e o Dr. Jansen que era o chefe da divisão de documentação, dessas coisas. E o Dr. Venâncio, José Venâncio de Moura que era o chefe da fotografia em 56....

AL: No prédio da Rockfeller?

JC: No Prédio da Rockfeller, depois que eu saí do Exército eu vim pra a Rockfeller.

AL: Deixa eu lhe perguntar uma coisa, tentando trazer o J Pinto, mas fazendo uma conexão aos anos 50. Ao que a gente sabe aqui, o período do J Pinto que é desde o início do século até mais ou menos a década de 40, a gente acredita que ele trabalhava, ele era o fotógrafo oficial.

JC: Era.

AL: Provavelmente tinha auxiliares, ajudantes, não sei, mas se concentrava nele. O acervo que nós temos dessa época, ele é bastante claro nisso, existem as imagens dos estudos, das pesquisas, fotomicrografias, fotos de doentes, as expedições científicas e etc, construção do Castelo e existem fotos de eventos institucionais, visitas, reuniões, os cursos que eram dados etc. Na última seção eu perguntei isso para o senhor, quer dizer, na época da Rockfeller, J Pinto já fora, né? Pelo que eu entendi há uma divisão, há um acontecimento notável nesse período que é a desarticulação daquele serviço lá no Castelo, como era desde a época do J Pinto, né? E ele acaba sendo concentrado no novo prédio da Rockfeller, que já tinha aqueles serviços institucionalizados, cartografia, fotografia, vai tudo pra lá, pelo que eu entendi do seu depoimento. E nós perguntamos ao senhor na sessão anterior.... Bom, além das fotos dos

serviços dos laboratórios que surgiam, fotografar doentes, fotografar documentos, artigos, quem é que fotografava os eventos institucionais? O senhor disse que desconhecia.

JC: Tinha muito pouco evento. O evento que mais se fotografava era a formação daquela turma do curso de aplicação... Aqueles quadros com aquele grupo de alunos. Inclusive, tem alunos que ainda estão aí. A Dra. Ana Kohn, a doutora que trabalha lá helmintologia, aquela morena.

ET: Delir. Delir Correa⁴.

JC: Delir. Ainda cheguei a conhecer a Delir garota, saltando aqui na Avenida Brasil pra trabalhar lá na helmintologia. Então, daquele tempo, essas fotografias que tem lá embaixo no Pavilhão de Cursos, estão lá nos quadros, parece que são 4 anos. Não me lembro agora, [19]62, por aí assim, tem os anos lá, [19]68. São 4 anos seguidos que eu fiz aquelas fotografias.

Então, fora isso os eventos que tinham, era muito raro. Às vezes aquela visita que veio na época do Dr. Rocha Lagoa. Então, aquelas fotografias do Dr. Rocha Lagoa, inauguração do Rocha Lima, antes disso o *campus* onde ia ser construído o Rocha Lima, também eu fui lá pra fotografar e mais era no hospital ou em algum laboratório que fazia essas fotografias. E a maior parte se fazia no estúdio. Não era estúdio, era uma sala grande, lá no 5º andar, que o doente ia lá, quando ele podia andar, né? Ele vinha pra fotografia, acompanhado de um funcionário do hospital, então era feita a fotografia dele ou um animal, uma borboleta. Tem lá aqueles trabalhos publicados, tem citação da maior parte dos trabalhos que eram feitos. Aquela placa de petcom cultura, que mais? Os tubinhos do Dr. Júlio Muniz, também com negócio de fazer o teste pra Doença de Chagas. Isso são detalhes que eu me lembro do que era feito sobre fotografia. E fotomicrografias também, quem fazia mais na época era a Dra. Rita... Dra. Rita, depois eu me lembro do nome dela todo... Que o esposo dela também trabalhava no Instituto. Dra. Arlete Ubatuba, que eu não me lembro agora. Então, era esse tipo de trabalho que se fazia.

AL: Isso durante muito tempo? O senhor trabalhou aqui nos anos 50 e nos anos 60 também era esse quadro?

⁴Delir Corrêa Gomes Maués da Serra Freire, bióloga, foi durante alguns anos curadora da Coleção Helmintológica da Fiocruz.

JC: Era.

AL: Poucos eventos.

JC: 60, 70.

AL: Até anos 70. Quando é que o senhor acha que isso... O senhor acha que isso em algum momento muda?

JC: Primeiro que hoje eu não sei porque criaram-se diversos setores de fotógrafos aqui no Instituto, né? Então, tem esse rapaz que está lá no 6º andar, que eu não sei o nome dele. Tem o Rodrigo lá em cima, tem o Guto também lá no Rocha Lima, no Gomes Faria, aliás. Tem o Guto, tem o Rodrigo, tem o próprio Genilton, tem esse pessoal e ainda tinha aquele outro que trabalhava ali embaixo do relógio, que eu não me lembro o nome dele agora.

ET:[Paulo] Rodino, Flávio.

JC: Flávio. Tinha também parece que um americano, sei lá, que trabalhava, chegou a vir trabalhar aqui, depois foi embora, um alemão. Não sei. Então, ficaram diversos órgãos fazendo fotografia aí dependia do agrado, da atividade que ia ser feita, né? O Guto volta e meia saía com uma máquina pendurada no pescoço, esse daqui que está lá embaixo também eu já vi ele fotografando. Tem aquele rapaz também que trabalha na imagem, faz filme, eu não me lembro o nome dele, cabeludinho assim.

AL: Genilton?

JC: Não, não. O Genilton agora é doutor (Risos) Ele faz mais é viagem, chefia lá aquele serviço...

AL: Virou doutor.

JC: De recuperação.

AL: Deixa eu lhe perguntar, o senhor localiza no tempo quando começam a existir outros setores e não o serviço centralizado, como era na época da Rockefeller e antes na época do J Pinto quando isso começou a ocorrer?

JC: Porque depois eu fui pra a ENSP, lá para o lado visual da ENPS.

ET: Quando foi isso sr. José?

JC: Que eu fui pra a ENSP? Foi na década de 70, que de lá eu me aposentei, né? 77. Aí com aquela lei do governo que tinha que transferir, entrou, trocou a presidência na Fundação e aí o que entrou pra presidência não queria ver funcionários antigos na Fundação. Ele queria criar um grupo de técnico, que eu acho isso muito errado, porque tinha técnico na bacteriologia, tinha técnico na helmintologia, tinha técnico em todos esses setores que estavam 20, 30 anos trabalhando e quando ele entra, elimina metade desses funcionários. Inclusive, eu fui mandado pra Escola de Comando do Exército na Urca, não quis ir, aí me botaram dois meses de recesso. E aí até que o presidente da república fez uma lei, que esses funcionários que estavam com esse problema, que não quisessem continuar, poderiam se aposentar com o salário proporcional ao tempo de serviço. Então aí foi quando eu aproveitei essa oportunidade, que o Dr. Campos da Paz já me queria em tempo integral lá nas Pioneiras[Sociais], que eu só trabalhava 4 horas. Aí eu fui pra as Pioneiras, passei a ser chefe da fotografia, quer dizer, melhorou a situação também. E depois eu voltei pra Fundação em 86, foi essa história.... Eu vinha sempre passear aqui no Instituto e o Dr. Hermann Schatzmayrencontrou-se comigo... “O que você está fazendo por aqui?”. Eu disse: “Ah, não tenho nada pra fazer, doutor, então, eu estou passeando aqui, volta e meia eu venho ver o pessoal aqui, antigo, ne?”. Aí ele virou pra mim e disse assim: “O senhor não quer voltar a trabalhar não?” Eu falei: “Seria ótimo.” Foi até naquela época que acabaram com negócio do plano cruzado, eu tinha dinheiro na poupança...

ET: Hum, o velho... (Inaudível)

JC: E vivia daquilo. Sarney acabou com aquilo; no dia seguinte eu não tinha dinheiro nem pro gato.

ET: Foi o Collor.

JC: Não, foi o Sarney.

ET: Sarney?

JC: Sarney.

AL: Não, o confisco da poupança foi o Collor.

JC: Não, mas não foi confisco.

ET: O Sarney foi a inflação...

JC: A inflação estava 80%.

ET: Ah, a inflação.

AL: A inflação galopante.

(Falando juntos)

JC: Aí ele acabou com essa inflação, passou pra 1,5% com juros mensais. Então, você vê, eu que vivia com o que eu tinha depositado, que passava do que eu ganhava trabalhando, aí danou-se, né? Foi quando o Dr. Hermann, por coincidência, que eu disse também que Deus está sempre do meu lado, sempre, sempre, porque eu não pedi nada.... “Você não quer voltar a trabalhar não? Você não quer trabalhar com o Monica não?” Eu falei: “Vou”. Aí tinha um tal de contrato civil, não tinha direito a férias, não tinha direito a nada, não pagava nada, só recebia. Então, eu fiz esse contrato civil em 86, aí veio Deus pra me olhar de novo. Que foi com o, se não me engano, que foi com o..... Foi em 86, acho que era o Collor, né? Que era presidente na época.

AL: Não. O Collor era 89, 90.

JC: Em 86 quem foi?

AL: Eu acho que era o Sarney.

ET: Sarney.

JC: Eu sei que...

ET: O Arouca virou presidente em 86.

JC: É, eu entrei com o Arouca. Aí o governo lá.... Aliás, a Asfoc brigava porque esse contrato civil era ilegal porque eu não recebia 13º, não tinha nada, não tinha férias, não podia ter nada. Era só um papel que a gente assinava. Aí os documentos foram pra Brasília, quando a Asfoc começou a brigar que isso era ilegal, foram pra Brasília e quando Brasília, então, readmitiu todos os funcionários que estavam nessa situação. Foi quando eu voltei a ser funcionário público de novo. Então, eu recebia da aposentadoria anterior e eu passei a receber o salário de ativo em 86. Aí passou a contar desde o dia 1 de outubro de 1986. Eu, a Marise também. Marise também passou na mesma época que eu. Então, continuamos trabalhando aqui na

Fundação, eu fazia as fotografias lá pra a doutora Mônica, quando tem o ataque de Dengue. Foi mais ou menos em 86 que começou também. Aí pronto! Não tinha mais fotografia, não tinha mais nada. Não tinha quase ninguém na virologia, só tinha o Zequinha, aí eu fui pra lá, trabalhar na virologia.

AL: Deixa eu voltar só um pouquinho. Então, o senhor fica dos anos 50 aos anos 70, 20 anos na Rockefeller, no prédio da Rockefeller, lotado lá.

JC: É.

AL: Aí saí pra ir pra ENSP, década de 70, no setor de áudio visual?

JC: Exato.

AL: Aí que lhe pergunto, nesta década de 70, neste momento em que a ENSP tem um setor de áudio visual, o senhor lembra de já ter outros setores que trabalhavam com produção de imagens no instituto? Fora o da Rockefeller?

JC: Não, as imagens que a gente tinha eram os slides, né? Na produção de slides, porque não tinha negócio de câmera, essas coisas praticamente ninguém usava isso na época. Então, eram mais slides, material pra retrovisor.

ET: hum-hum.

JC: Aquelas folhas, né?

AL: Transparência.

JC: Transparência pra retroprojektor e Slides.

AL: Isso onde, isso lá na ENSP?

JC: Na ENSP, e maior parte das escolas onde tinham alguma pesquisa, alguma coisa fazia isso, né? A gente fazia uma transparência.

AL: Material didático né?

JC: É, material didático. Então fazia a transparência da coisa pra projetar, pra dar aula, pra explicar alguma coisa. Então isso era muito comum lá na ENSP, né?

AL: O senhor foi lá pra fazer o que lá? Qual era a sua função?

JC: Eu era chefe do áudio visual.

AL: O senhor fazia esses materiais?

JC: É. Então trabalhava lá o Cid...

ET: O Cid Faião.

JC: O Cid Faião; o Jorge Lucas....

ET: George Lucas? Antes de ir pra Hollywood? (Rindo)

AL: Não é George, é Jorge.

JC: O Jorge Lucas e o...

AL: Antes da Jornada das Estrelas, né?

ET: É. Isso.

JC: E o Jesus. O Jesus, também. E o Jesus era mais da parte de desenho. O Faião era um doidão, mas que trabalhava, fazia. Não queria nada, mas resolvia tudo. (Risos) Fazia aqueles desenhos lá. O senhor lembra disso? Aqueles desenhos dos funcionários e pregava lá...

ET: Ham-ham. Sei.

JC: Muito bem. Inclusive aquelas duas fotos minha, que eu estou de barba, de lado assim, foi ele que fez. Era muito bom nisso, né? E eu ficava admirado....

ET: Dizem que ele que levou todas as fotos pra casa, né? E ficam com ele. De vez em quando ele vem aí. Que ele se aposentou também, né?

JC: Perdeu uma perna inclusive.

ET: Pois é.

JC: Gangrenou, né? Ele tem diabetes.

ET: Parece que ele levou muita parte do acervo, do que ele fotografou, ele guardou. Aí quando precisa tem que pedir pra ele, não sei o que...

JC: Ele tem umas fotos que ele bota lá nos e-mails dele. Inclusive ele faz um elogio grande pra mim, que eu não gostei daquilo. “Grande amigo, olha o que eu aprendi com ele!” Ele diz que

aprendeu comigo, mas ele... E ele era engraçado porque eu nunca consegui.... Ele tinha o revelador dele, ficava 15 dias dentro de uma banheira da cor de café, da cor daquele quadro lá...

ET: É mesmo? E funcionava?

JC: Funcionava que era uma beleza.

ET: É mesmo, é?

JC: Aquelas fotografias que ele fazia, precisava ver. E depois ele fixava lá de qualquer jeito, também um fixador velho e funcionava, não sei porquê (Risos) que funcionava na mão dele. Eu fazia...

AL: Esse setor da ENSP tinha laboratório, não? Tinha laboratório fotográfico?

JC: Tinha laboratório de fotografia.

AL: Também?

JC: Também.

ET: Como é que chamava?

JC: Era laboratório de fotografia.

AL: E lá a função era fazer material didáticos, slides pra aulas ou tinha outra função?

JC: Fazia também.

AL: Que mais que o senhor fazia lá?

JC: Fazia fotografias e slides, né? Que eu ainda me lembro até do Dr. [Sergio] Arouca... Arouca não do..... Como é que é chama? Aquele japonês, o Homma?

ET: Akira.

JC: Akira Homma.

ET: Akira, ele que substitui o Arouca.

JC: O Arouca.

ET: O Arouca saiu pra ser candidato a vice-presidente da República e o a Akira é que completa o mandato dele.

JC: Exatamente. Então, às vezes ele ia lá com um peruano... tinha muito estrangeiro lá que estudava e fazia cursos lá na ENSP, né? Então, ele levava... eu não me lembro bem se era barbeiro, uma coisa assim, pra fotografar. Então, eu fotografava aquelas coisas pra eles....

AL:Pros estudos?

JC: É. Do trabalho, de publicação dele e dos estudos, né? Pesquisas da pessoa. E que eu me lembro também não era muita coisa não.

AL: Então era um trabalho bem diferente do que o senhor fazia na Rockfeller.

JC: Na Rockfeller.

AL: Era fotografia, mas era diferente.

JC: Era fotografia, mas eu geralmente fazia porque, vamos dizer, não era mais técnico, mas conhecia com detalhes esse tipo de trabalho, mas, eu era chefe. Então eu ficava sentado dando ordem, determinando, fazendo acontecer. Botei um primo lá, o primo não queria nada, pedi a demissão dele também, quase na semana que ele entrou, que era o Dr. La Corte, José Guilherme La Corte, que era o diretor presidente e que me levou pra lá. Depois ele saiu e eu continuei lá até ser mandado embora, né?

ET: Que foi quando? O senhor lembra?

JC:[19]77.

ET: Então, foram 7 anos de ENSP?

JC: É. 7 anos de ENSP.

MA: O senhor, coordenava os outros fotógrafos na casa?

JC: Não. Fotógrafos praticamente não tinha, era o Cid com a Laika dele lá, fazendo as fotografias....

MA: Tem um outro também, o Jorge, né?

JC: Jorge.

MA: É Jorge Carvalho também?

JC: Não. Jorge Lucas... Jorge Lucas, mas ele era mais pra projetar, carregar projetores pro lado, projetores... Mas no fim sobrava pra mim também, porque era aquele corre-corre de sala pra sala, tudo enguiçado. Tinha projeção, não funcionava, tinha que pegar o outro projetor, trocar. Então na hora da projeção pifava, tinha que comprar lâmpadas pra colocar no projetor parava porque não tinha lâmpada, a lâmpada era caro. E serviço público sabe como é que é, né? Tem que esperar fazer licitação pra comprar e tal. (Risos) Parava praticamente tudo. Raramente tinha esse tipo de trabalho.

AL: Além do senhor... Além da equipe da ENSP, nessa década de 70, o senhor ficava com outros fotógrafos do Instituto lotados em outros lugares?

JC: Não, não. Nem sabia de existência.

AL: Quem é que tinha ficado na Rockefeller depois que o senhor sai?

JC: Eu saí em 77, né? Vamos dizer, mais ou menos em 70, 72 eu saí da Rockefeller... Aí ficou o Milton, o Milton de Azevedo, que já está aí. O Gerson...

MA: Gerson Durand?

JC: Gerson Durand, o Milton e Gerson. Eram os dois que faziam fotografia. Ah, e a Maria da Penha, que era essa menina que trabalhava já também na fotografia, a gente trabalhava mais era nos microfilmes, fazia muitamicrofilmagem. Só que fazia o seguinte: a gente fazia o revelador, preparava o revelador, pesavas as drogas, diluía aquilo, botava nas banheiras, diluía para o trabalho, terminava, lavava as banheiras todas, botava as fotografias pra lavar, depois tirava pra esmaltar e assim sucessivamente.

Teve uma vez, eu fui pra casa era um sábado e aí eu me lembrei, eu falei: “Ih! Eu acho que eu não fechei a torneira lá de onde lavava as cópias”. Aquele tanque, né? Não é que eu voltei, realmente eu não tinha fechado a água, a água já estava lá no térreo do Castelo. (Risos) Desceu pela escada.

ET: Desceu pela escada?

JC: Ainda bem que foi no sábado que deu pra secar até domingo. Fechei aquilo depressa e ficou por isso mesmo.

MA: Esse laboratório... Desculpa, mas esse laboratório ficava lá na ENSP?

JC: Não. Aí eu estou falando do Castelo, lá no sótão.No sótão, porque lá eu fiquei até 1900 e.... início de 55, porque aí eu fui para o Exército, aí voltei em 56...

AL: Pra Rockefeller.

JC: Pra Rockefeller, mas fora da Rockefeller; depois foi distribuído, eu fui trabalhar lá no Pavilhão de Cursos, porque a fotografia foi pra lá.

ET: Na época?

AL: É. Pois é.

ET? Interessante.

AL: Isso antes da ENSP?

ET: É.

AL: O Pavilhão de Cursos é antes da ENSP?

JC: Antes da ENSP

AL: Isso é importante.

ET: É. Porque aí é o IOC. Está no IOC, né?

JC: É. Está no IOC.

ET:Ham-ham. Porque ele está falando Rockefeller, mas Rockefeller era só o prédio.

AL: É o IOC.

ET: É o prédio, é o IOC que ele está falando.

AL: Depois da Rockefeller ele vai para o Pavilhão de Cursos.

JC: Pavilhão de Cursos.

AL: Ainda no IOC?

JC: IOC.

AL: Antes de ir pra ENSP?

JC: Antes de ir para ENSP.

ET: ENSP foi só em 70.

JC: É.

ET: O senhor lembra quando que o senhor foi para o Pavilhão de Cursos?

JC: Quando eu fui pra a ENSP eu já estava no fim, porque da ENSP eu fui aposentado lá. Quer dizer, que aí não cheguei a pegar volta para lugar nenhum. Então, a fotografia foi lá para o andar de cima, ali trabalhava também o Genilton que tinha um negócio de fazer imagens, aquelas coisas todas, né?

AL: Onde? No Pavilhão de Cursos?

JC: Pavilhão de Cursos.

AL: O Genilton já é dessa época?

JC: É.

AL: Se o senhor entra na ENSP em 70, 72, o Pavilhão de Cursos ainda é na década de 60, então? Se foi antes da ENSP.

JC: Não, porque pra ENSP eu fui mais ou menos em 72....

AL: E pro Pavilhão?

JC: Então de 56 até 60 são 4 anos, não é isso? E até 72 são mais 12 anos.

AL: Ham-ham.

JC: Então, nesse período eu trabalhava lá no Pavilhão de Cursos.

ET: Ah ta!

AL: Durante os anos 60?

JC: É. Durante os anos 60.

AL: O Genilton já estava?

JC: Tanto que aí foi trabalhar o Seo Joel Sampaio Antunes, que era desenhista. Lembra do S. Joel, não?

ET: Não.

JC: Cabeça branca.

AL: Sampaio Antunes é uma pessoa, Joel é outra pessoa?

JC: Não, Joel Sampaio Antunes, o filho dele trabalha aí no negócio de lepra, né? O Sérgio Antunes.

ET: Ah, lá no Quinino?

JC: O Sérgio, Sérgio Antunes. Na hanseníase, que é o filho do Joel. E então, nós fomos para o Pavilhão de Cursos, lá então fazia fotografia, fazia as revelações...Fazia tudo lá.

AL: Quando o senhor vai pra lá continua tendo um serviço de fotografia no Pavilhão Rockfeller? Continua tendo aquele?

JC: Não. Não.

AL: Aquele acaba?

JC: Acaba, porque passa a ser laboratórios.

ET:Hummm.

AL: Ok. Então é por isso que vai para o pavilhão.

ET: Então o serviço fotográfico do IOC... Isso que é interessante.

JC: É.

AL: É.

ET: Ele sai do prédio da Rockfeller e vai para o Pavilhão de Cursos.

JC: De cursos, mas aí acho que não era mais Dr. Venâncio o chefe não, eu acho que ele... Não sei se ele continuou, eu não sei. Porque ele foi pra ser... Como é que chama aquilo? Auditor, né? Auditoria. Ele foi trabalhar na Auditoria lá no Castelo que aí foi mudando direção. Veio o Dr. Xavier, veio o Dr. Rocha Lagoa foi antes, mas veio o Dr. Xavier, depois Dr. Nélio Guimarães também foi convidado pra ser diretor, mas morreu. Acho que não chegou nem a tomar posse. Dr. Xavier, Dr. Nélio Guimarães, Dr. Nóbrega também chegou a ser diretor do Instituto, mas foi por um período pequeno. Então, nessas mudanças foi mudando também lá

no Pavilhão de Cursos. Aí já acho que era o Joel Sampaio Antunes que passou a ser o chefe. A gente não precisava de chefia, entendeu? Porque a gente tinha que cada um fazer o seu trabalho, chegava o serviço a gente fazia. Tanto que o Joel e eu saía todo dia, que a gente ia a pé até Bonsucesso caminhando, conversando. Era muito amigo meu mesmo. Então lá fazia essa mesma coisa que a gente fazia na Rockfeller no período que se trabalhava... Quer dizer....

AL: Mantém mais ou menos o mesmo tipo de trabalho?

JC: Mantendo o mesmo tipo de trabalho.

AL: Era no 2º andar do Pavilhão o serviço de fotografia?

JC: Lá no...

AL: No Pavilhão de Cursos?

JC: Era. Em cima. Sobe aquela escada, naquele corredor que sobe assim à esquerda, né? Naquele corredor à esquerda. Então, eu fiquei ali, mas depois parece que saiu da... Não, é. Foi pro Castelo, do Castelo veio pra Rockfeller, da Rockfeller foi pro Pavilhão de Cursos, do Pavilhão de Cursos é que eu fui lá pra ENSP.

AL: E o Pavilhão de Cursos mantém o serviço lá, o senhor é que sai.

JC: Manteve, manteve.

AL: O senhor é que sai.

JC: Que agora acabou tudo, né?

AL: É. Sabe quando termina, quando acaba esse serviço que funcionava no Pavilhão de Cursos?

JC: Eu não sei determinar não, porque em [19]72 mais ou menos eu fui lá pro....

ET: Pra ENSP.

JC: Pra ENSP. Então aí eu...

AL: Sai em 77, quando volta em 86 já não era mais lá, né?

ET: Não, aí já era o Arouca e aí eu acho que tem o Multimeios, deve ter ido para o Multimeios.

JC: É também veio também funcionar no Multimeios, aqui em cima, né? Quer dizer lá em cima, quem vai lá para o IPEC. Ali naquele é que funcionava ali o Multimeios.

ET: Já tinha gráfica antes, sr. José?

JC: Já! Já tinha a gráfica.

ET: Desde quando que tinha gráfica, o senhor lembra?

JC: Apesar de que a gráfica começou no Castelo lá no térreo.

ET: Hummm. Isso é interessante.

JC: Do lado era o Almoarifado, que era o sr. Antônio Borrielo que era o chefe lá do Almoarifado e do lado do Almoarifado tinha serviço gráfico. Inclusive, eles faziam impressões, mas era mais pra fazer.... corrigir os livros da biblioteca que estavam caindo capa e tudo.

MA: Conservação, né?

JC: Era serviço de artes gráficas.

AL: Ah, artes gráficas.

JC: Lá eles costuravam tudo, botava capa, aquela coisa toda. Eu esqueci foi o nome no rapaz que era o chefe lá na época. Porque também ela parece que abrangeu.... o Dr. Venâncio também passou a ser chefe ali. Porque era o pessoal da Rockfeller, como o Dr. Venâncio era da Rockfeller, então tinha uma defesa, uma proteção, além disso ele era advogado. Então trabalhava na advocacia, era chefe da fotografia e depois passou a ser auditor.... É auditor que chama? Fazia aquele levantamento....

AL: Auditor, é.

JC: É. Auditor, né? Então ele passou a ser auditor no Castelo, né? Ele trabalhava no Castelo. Mas então, tinha a artes gráficas ali embaixo. Logo que entra assim na porta do lado dos fundos do Castelo ali era a artes gráficas.

ET: Hum-hum.

JC: Eu acho que eu também já falei sobre isso. No Castelo, em cima, no 1º andar, quando sobe ali a escada ali no 1º andar, tinha a sala de aulas do pessoal do curso de formação que no lá daquela sala que agora tem o Jurandir, tem aquele pessoal do IPEC ali, do Fiotec. Então, ali era um anfiteatro.

ET: Hum-hum.

JC: Era aberto assim como se fosse um leque. Tinha um quadro negro que se usava lá, ainda está lá embaixo no Pavilhão de Cursos lá no corredor jogado lá. Um quadro negro que a gente puxava assim, levantava, descia outro, ele estava lá. Então, passou a ser ali o curso de... Como é que ele chama mesmo?

ET: Curso de aplicação?

JC: Curso de aplicação. Passou a ser ali, né?

ET: Hum-hum. Mas vocês tinham... porque, por exemplo, para as gráficas, acho que a principal publicação era as Memórias do Instituto [Oswaldo Cruz], né? Que publicava muitas resenhas do... Como é? Castro e Silva que você falou.

JC: É. Castro.

ET: Castro Silva, é isso?

JC: Castro e Silva.

ET: Mas também publicavam fotografias das pesquisas e tal. O senhor lembra de ter alguma foto no seu serviço que era publicada pras Memórias [do IOC]? Tinha uma relação além do serviço fotográfico a gráfica?

JC: Geralmente... Geralmente os trabalhos de publicações eram feitos fora da coordenação, entendeu? Tinha a gráfica que imprimia as Memórias do Instituto Oswaldo Cruz na época e os trabalhos gráficos dos pesquisadores que é aquele monte de revistinhas que eu trouxe, também eles pagavam por fora para fazer aquele tipo de trabalho, né? Que não era feito aqui na Fundação não. Eu dava as fotografias pra eles, eles faziam a parte escrita do trabalho e colava as fotografias naquelas revistas, naquelas separatas. Enfim.

ET: Deixa eu perguntar uma coisa, Sr. José, que é importante pra gente aqui pra resgatar, pra pesquisar a história da fotografia aqui. O senhor ficou à frente do serviço um tempo, chefiou e tal, e aí vocês faziam o trabalho, falou que anotava lá o que tinha feito no livro.

JC: É, num livro que era...

ET: E faziam o relatório anual, como é que era isso?

JC: Não, não fazia nada não.

ET: Não tinha que fazer, porque eu lembro que na época eu cheguei a achar uns relatórios. Acho que da década de 10, não lembro. Relatório do serviço fotográfico do ano tal.

JC: Ah, essa daí ó.

MA: Tem uma foto sua aí.

JC: Olha lá, José de Carvalho Filho. O que que é isso aqui?

ET: “Tantas cópias feitas, tantas...”.

AL: Essa é do J. Pinto.

JC: Ih! Que bacana, rapaz.

MA: O senhor falou tanto na...

AL: Na sua época então não tinha essa... Não tinha essa... essa iniciativa de fazer relatórios anuais do serviço, relatando tudo que tinha sido feito.

JC: Eu não me lembro... Quem que era o chefe era o Dr. Nin Ferreira. Que era o chefe do desenho, de tudo, que era lá do Castelo.

ET: Ah ta!

JC: Então eu não me lembro se fazia. Agora na época do Dr. Venâncio, aí sim todo ano fazia relatório de quantas fotografias foram feitas, quantas páginas de livro foram feitas, de microfilmes e tudo isso, então era feito, né? Em 56.

MA: É, eu trouxe... Eu resgatei algumas fichas, até porque tem também do Milton e do Gerson.

JC: Tem de corpo inteiro, frente com as lesões do doente.... da doente Gabriela.

AL: A Gabriela está aí no verso. O senhor reconhece essa fichinha, era a ficha que vocês usavam, né?

JC: Ah é! Aqui a D. Gabriela.

ET: Ah! Então, eu vou aproveitar que está na mão quero perguntar mais a foto de doentes. O senhor falou rapidinho da vez passada. Como é que era fotografar uma doente assim? Chegava, trazida pelo médico, né? Pelo pesquisador.

JC: Não. Geralmente vinha o... Quando era mulher, vinha uma mulher acompanhando...

AL: Ah ta.

JC: Quando era homem, vinha um homem acompanhando.

ET: Aí tinha que tirar a roupa para poder fotografar?

JC: É. Nesse caso aqui, porque ela parece que está com pênfigo.

ET:Ham-ham.

JC: Está vendo aqui? A pele dela toda escamando, né?

ET:Ham-ham.

JC: Então ela deve estar com pênfigo. Tem mais fotografias aí?

MA: Olha sr. José aqui nós temos umas fichas, são só para descrição, mas essas.... Quer dizer, são de sua autoria...

AL:Deixa eu ver essas daqui.

MA: Mas as fotos não estão.

JC:Deixa eu ver.... Dr. Olympio da Fonseca, 56.

MA: Dois... Mais 2 fotógrafos que o senhor citou aí.

JC: Menor Sérgio Emilio Lima, de 2 anos, com parasitas no cabelo. Ah! É. Eu não me lembrava dessas coisas. Olympio da Fonseca. Menor, Luis Alberto Lima, de 5 anos com parasitas no cabelo. Aqui é do sr. Milton, foto micrografia. Viu aquilo que eu falei?Então montaram uma sala só pra ele, uma sala toda.... E o Dr. Bart. O Bart passava lá e eu falei da doutora: Dra. Quem que é falou mesmo? Aquela que está...

ET: Deli?

JC: Ham?

MA: Deli?

JC: Não, a...

MA: A Dra. Dirce Lacombe?

JC: Dirce Lacombe. Passava o dia todo lá ele com o Dr. Bart, papeando o dia inteiro. Dra. Dirce Lacombe também. Ela era muito bonitinha naquela época, uma mocinha muito bonita. Dr. Henrique Veloso. Aqui já foi o Gerson, ó. Município de Brusque, comunidade de Azambua, Zambua, 1950. Quer dizer, isso aqui como eu disse.... O Gerson fazia os mapas, fotografias de mapas, essas coisas.

AL: Ele saía do IOC para fotografar?

JC: Não. Era feito tudo na cartografia.

AL: Isso é foto de um mapa do município de Brusque, é isso?

JC: É.

AL: Ta. Como a gente não tem imagem poderia ser um aspecto, né?

JC: De forma que a micrografia era feita lá no laboratório com o Dr. [Rudolf] Barth. Foi o ano que eu voltei do Exército. Ainda tem isso aqui.

MA: Tem muitas.

AL: Voltando aqui ao que o Eduardo lhe perguntou sobre qual era a dinâmica de produção de imagens dos doentes, fala um pouquinho mais sobre isso. Era mensalmente vocês tinham, não tinham uma sistemática?

JC: Não, não tinha. Era de acordo com o que aparecia no hospital.

AL: Vocês eram avisados com antecedência que teria uma sessão?

JC: Não. Não, não.

AL: Chegavam.

JC: A gente estava lá e chegava o rapaz levando um doente, né?

AL: E qual era a preparação? Tinha preparação?

JC: De que?

AL: Pra fazer a...

ET: Eu lembro, eu vi aqui que tinha, fazia um fundo neutro pra fazer a foto, né?

JC: É.

AL: Que era um pano, como que era?

JC: Preto ou dependendo do....

ET: Da casa que era um pano branco, é isso?

JC: Era.

AL: E esse pano era colocado em qualquer lugar? Era no Castelo?

JC: Não, era numa sala própria. Os refletores ficavam aqui do lado...E a pessoa chegava e ficava ali.

AL: Então já tinha um lugar específico para tirar fotos de doentes?

JC: Tinha um lugar. Só que a máquina que fazia isso, tirava do tripé, ia fazer outro serviço fora do laboratório, entendeu? Isso na época aqui no Castelo, que depois que veio aqui para a Rockefeller tinha um salão lá e também quem fazia essas fotos geralmente era eu. Porque o Milton ficava só lá na salinha dele, cheio de microscópio, fazendo fotomicrografia e o Gerson fazia essas fotografias de geralmente aqueles insetos, né? Helmintos, aqueles desenhos lá da helmintologia, aquelas coisas. Então como eram desenhos grandes aquela máquina fotografava ali em filmes light que a gente chamava que é filme preto e branco. Filme de...

ET: De alto contraste.

JC: De Alto contraste.

ET: Menos tom de cinza, né? Mais preto e branco.

JC: É. Preto e Branco só. Então, ele fazia isso. Vamos dar uma descansadinha?

ET: Vamos.

(Interrupção)

JC: Meu irmão também veio trabalhar. Havia a história também que meu irmão, não sabe se foi assassinado, o que foi. Foi na véspera do meu casamento.

ET: Nossa!

JC: E eu não o vi mais depois de morto, nem eu e nem meu pai o vimos mais. Eu fui me casar no Rio Grande do Sul e lá eu recebi um telegrama aí: “Regresso urgente. Jurandir faleceu subitamente”. Que era meu irmão, né? Somos dois, eu e ele. Aí foi aquele golpe, mas aí alguém falou assim: “Olha verifica, vê se isso não é brincadeira de alguém, pode ser uma brincadeira, uma mentira”. Tudo bem. Aí saio eu catando como falar de Cruz Alta, no interior do Rio Grande do Sul, falar com alguém aqui no Rio de Janeiro. Até que me informaram lá onde tinha uma pessoa que tinha rádio amador e esse rádio amador entrou em contato com Copacabana, passou o telefone do meu padrinho de Copacabana, ligou para o meu padrinho e foi confirmado que ele realmente tinha sido morto, ou morreu. Que morreu na rua, morreu em Caxias, não se sabe se ele foi assassinado, ou o que foi.

AL: Com quantos anos?

JC: 22. E na hora que eu saí do casamento. Tanto que nas minhas fotografias, do casamento, estou...

AL: Não estava muito feliz, né?

JC: Não, porque eu estou querendo resolver. Meu pai começou a chorar e eu disse para ele: “Pois olha, pai, houve um acidente com o Jurandir...”. Ele já estava morto, mas eu não ia dizer lá pra ele que ele já tinha morrido. Aí ele começou a chorar, a soluçar e ficou lá, eu vim embora. Porque eu tinha passagem de trem pra cá, eu, meu pai e a minha esposa, né? Aí meu pai teve que ficar lá pra arranjar um avião pra ir pra Porto Alegre, porque lá de Cruz Alta não tinha avião para o Rio de Janeiro, pra pegar um avião para ir para Porto Alegre, pra de Porto Alegre vir para o Rio. Atrasaram 24 horas o sepultamento do meu irmão, mas o meu irmão foi sepultado 1 hora da tarde, meu pai chegou às 19 horas. Ele também não chegou a vê-lo.

AL: E vocês nunca souberam direito as circunstâncias da morte dele?

JC: Meu pai.... Aí disseram para o meu pai: “Ah, manda fazer exumação pra saber o que é que foi”, meu pai disse:“Olha, eu queria meu filho vivo. Já morreu não vai resolver se foi, não foi. Então, se já está enterrado, não vai resolver nada”. Então também não quis ver não, também concordei, porque.... Mas aí, depois do meu casamento, começou o meu sofrimento, um sofrimento atroz que eu cheguei a ter neurose de angústia. Fiquei acho que uns dois anos tratando, porque eu perdi o sentido de mim mesmo. Eu saía de casa andando, mas não sabia quem era eu, não sabia nada. Eu não sentia alma, não sentia espírito, não sentia nada, eu saía andando, às vezes levava a minha filhinha no colo e me perdia no tempo e no espaço por causa da morte do meu irmão. Aí vinha... A minha primeira filhinha morreu com 42 dias, aí veio a segunda e foi tudo bem, veio a terceira, mais de um ano carregando aquela criança pra baixo e para cima, enquanto estava internada não, mas a que morreu, a primeira, eu ia para o hospital do estado, né?

AL: Servidores?

JC: Servidores do Estado, mas lá em Realengo. Então eu tinha que levar a minha filhinha lá para Realengo, porque a minha mulher teve eclampsia também e ficou, eu acho que 3 dias, ninguém podia ver, no escuro, não sei como eles faziam lá. E depois, eu pensei até dela morrer, mas aí nasceu a menina com esse problema. E foi uma confusão, porque disseram que fez o tratamento pré-natal lá em Realengo, nesse Hospital dos Servidores... Aí como foi isso aí quando ela ficou grávida novamente eu procurei um médico particular, Dr. Roberto De Luca, lá da Beneficência Espanhola. Tudo pago, foi acompanhado pelo Dr. Roberto de Luca. Aí nasceu a menina que é a Cláudia, essa que trabalha na Caixa Econômica [Federal] e não teve problema nenhum, aí veio com nada. Aí veio a terceira gravidez, aí o Dr. Roberto de Luca que acompanhou, deu o mesmo problema da primeira. Então não tinha nada a ver com o hospital, com o médico, nada disso. Eu não sei explicar porque dá essa doença.

AL: Qual é a doença?

JC:Galactosemia.

AL: O que é exatamente?

JC: Não pode tomar nada que tenha leite. Se tomar envenena....Destrói. Porque a minha primeira filha...

ET: Intolerância a lactose, né?

JC: Ham?

ET: Intolerância a lactose, né?

JC: Galactose. É um outro tipo de leite, tem lactose. Então, morreu, a gente ficou... Quer dizer, a primeira morreu com 42 dias. Penso nela todos os dias, porque ela era uma linda criança, muito bonita. Ainda antes dos 42 dias que ela morreu, mas poucos dias antes, ela estava lá no bercinho ela sorriu para mim. Eu guardo aquilo.

AL: No coração, né?

JC: Aquela criança. Então, aí veio essa minha terceira filha, que é a Ana Paula, com o mesmo problema da primeira, a galactosemia. Só que como começou a se manifestar, vômito e ficar cianótica, aí eu falei assim: É agora mesmo. De madrugada peguei, parti pro Hospital dos Servidores, porque a minha filha começou o tratamento lá em cima, em Realengo, aí a doutora lá fez uma carta dizendo todo acompanhamento que eu fiz por ela, de temperatura, vômito, diarreia e aquela coisa toda, e me mandou para o Hospital dos Servidores lá na... Hospital dos Servidores, não é?

ET: No centro da cidade, né?

JC: Acho que é no Centro, né?

JC: Perto da Praça Mauá.

ET: Ah tá.

JC: Ali na Gamboa. Aí lá o Dr. Júlio Dickstein, que foi... era responsável pela pediatria, pegou a menina, mas também não pode fazer muita coisa. Segundo ele teve que me pedir autorização para fazer necropsia eu autorizei porque ele me explicou que: “olha, outras crianças podem ter o mesmo problema e é raríssimo isso acontecer, então pelo menos a gente tem um estudo pra outras crianças”. Realmente veio a minha terceira filha com o mesmo problema da primeira. Então, foi feita a necropsia, então ele disse que ela já estava cega, com o fígado totalmente destruído, enfim já tinha alterado todo o sistema nervoso dela. Aí nessa terceira que teve o mesmo problema, que eu levei já quase de madrugada lá para o Hospital dos Servidores até um médico de cor que atendeu, né? Não tem nada a ver, mas foi ele que atendeu. Aí Dr. Júlio

que já tinha o caso da minha primeira filha, aí ele colocou em um quarto e chamou a mãe para fazer companhia à menina. Então, ficou lá e ela só no soro e sangue. Aí deu banana socada numa coisa, ovo batido também não resolveu, enfim uma série de coisas, de experiências que não tinha como dar leite. Aí o Dr. Júlio me pediu para arranjar **Arobon**. Era um negócio feito um chocolatezinho, parecido com Nescau e eu fui na farmácia, corri todas aquelas farmácias por ali, ninguém nem sabia, não tinha. Aí eu estava passando em frente ao edifício A Noite e na época tinha o Repórter Esso, então me deu uma telha assim, eu fui lá na portaria e falei com o rapaz: “Ó, estou com uma filha internada lá no Hospital dos Servidores e está precisando de um medicamento Arobon e eu acho que nem existe no Brasil, era um produto fabricado na Bélgica. O rapaz anotou, Ana Paula de Carvalho, internada no Hospital dos Servidores. E eu fui para a casa da prima da minha esposa na época, que ela já também já faleceu. Aí eu cheguei lá na hora do Repórter Esso: “Atenção, atenção! A menina Ana Paula de Carvalho, internada no Hospital dos Servidores do Estado necessita com urgência do medicamento Arobon”. Olha, choveu Arobon no Hospital, até o Fábio Cavalcante foi levar Arobon lá, ele pessoalmente. Veio da Bahia com um pedaço de jornal embolado: Arobon. Então tinha pastilha, tinha pós, tinha de tudo quanto é jeito, mas também não resolveu, não serviu pra minha filha. Enquanto isso o Dr. Nicolau Albano, que era residente, ficou apaixonado pela menina, né? Ele ia lá ficava... e começou a estudar, pesquisar até que encontrou em uma publicação dos EUA, criança com esse tipo de problema e lá tinha a fórmula pra dar, pra alimentar a criança. Então me deu a fórmula, no mesmo dia que me deu a fórmula ela já teve alta, estava até chovendo. Não esqueço, é como se fosse hoje. Aí fui pra casa. Ele me deu a fórmula, eu comprei balança, comprei tudo o que tinha que usar pra fazer aquela mamadeira e passei a fazer 5 mamadeiras por dia. Expulsei todo mundo de dentro de casa, não tem visita, não tem ninguém, era comigo que a minha ex-esposa não tem cultura, ela mal escreve o nome dela, né? Disse que eu fui enganado, que eu não sabia, mas tudo bem. Então, eu expulsei... que ela também não sabia nem pesar o que tinha que fazer para a menina. Então, levava carne, bicarbonato de cálcio, era sal, óleo Mazzola, então, tudo pesado e batido. Então, eu fazia 5 mamadeiras naquelas garrafas de mamadeira mesmo, né? Mas, eu botava naquelas garrafas de leite. Antigamente tinha garrafa de leite de vidro, então eu colocava tudo ali pra distribuir nas mamadeiras na hora de tomar as mamadeiras. Então, eu fiquei 9 meses fazendo aquilo pra ela. Graças a Deus não teve mais problema. Só não podia tomar leite, não podia comer bolo. Tanto

que nas festinhas, o pessoal já sabia, fazia um pão de ló pra ela. E ela mesma já de pequenininha, chegava: “eu não posso tomar leite não. Tem leite eu não posso tomar não. Sorvete não posso tomar não”. Ela mesma já falava. Hoje é uma amicíssima, é uma filha que não me larga. Liga pra mim quase todo dia pra sabe como é que você está, pai? Não fuma não, hein. Não fuma não. Está fumando muito?”, “Como é que vai, minha filha? Um beijo pra você. Boa viagem, bom trabalho!”. Quase todo dia ela liga pra mim.

AL: É a experiência, né? Experiência de vida, né?

JC: É uma experiência.

AL: A gente sofre, mas tem compensações, né, sr. José?

JC: É. Acho que só de viver já é uma compensação, entendeu? Eu acho que a vida.... Eu me sinto feliz, apesar de tudo isso, sempre me considereei feliz, nunca ninguém me viu de cara fechada de manhã, de tarde, só se eu estiver doente mesmo, porque aí eu já não posso nem falar. Mas nunca ninguém me viu zangado, aborrecido, de mal-estar, nunca. Posso acordar.... Eu tenho acordado 3 horas da manhã, estou dormindo 5 horas por noite e acordo normalmente, ainda faço meu cafezinho, tomo banho, faço a barba, alimento meus canarinhos, meus periquitos, né? Calafate. Me apronto e venho para o trabalho. Por sinal amanhã tem um passeio.

ET:Haha. Eu sei.

JC:Ham?

ET: Não, não se é o mesmo, que não vai ter o almoço aqui porque sexta-feira tem um almoço.

JC: É. Tem um passeio. O nosso é amanhã lá no ????.Sei lá qual é o nome do Japonês. Lá pro lado de quem vai pra Angra dos Reis.

AL: Que bom!

JC: Eu não gosto muito não, mas vai todo mundo, eu vou também.

AL: Sr. José, eu tenho uma última pergunta antes do senhor tomar a palavra pra falar um pouco de suas memórias, não é? Aí depois vejo se vocês também têm perguntas. Que é uma

curiosidade que eu tenho aqui sobre o início do CCS, o Multimeios e o CCS, essa relação entre esses dois lugares. Eu não tenho essa informação...

JC: O que é CCS?

AL: É Coordenadoria de Comunicação Social. Pois é, eu queria saber o que o senhor sabe...

JC: Eu sei a partir do Arouca, para trás eu não sei. Eu não sabia nem que existia CCS.

AL: Quando o Arouca... Em 80... Já existia CCS? Já, né?

ET: Não sei te dizer. Eu sei que o Arouca tinha assessoria de imprensa na presidência que acabou que é de onde veio o ICICT, que se chamava CICT e hoje é o ICICT.

AL: A origem disso é a assessoria de comunicação da Presidência?

ET: Da Presidência.

JC: Mas, eu sei que não era ali onde é hoje, né?

ET: Não, aquilo foi construído depois.

JC: É. Que o Dr. Hermann que construiu aquela biblioteca.

ET: A biblioteca nova, né?

JC: É. Tinha uma igreja que eles fizeram ali no canto...

ET: Tinha uma igreja, é verdade, não lembrava disso, que havia uma igreja.

JC: Que fazia a igreja ecumênica.

ET: É verdade.

JC: Onde tinha aquelas cantigas lá dos evangélicos todo o dia. Aí o Dr. Hermann, (Risos) ficava naquilo, ele queria tirar, mas não sabia como, né? Aí ele resolveu botar a biblioteca do campo onde tinha a tal igreja ali, né?

ET: Ham-ham.

JC: Eu tinha um carro que era tão ruim, que eu joguei ele lá no mato, uma vez ali tinha um mato, eu joguei ele lá dentro, deixei lá, até que veio o reboque para tirar. Que eu queria jogar ele lá da ponte Rio-Niterói lá dentro do mar, tanta raiva que eu tinha daquele carro.

ET: Aí o senhor voltou então com o Arouca aqui pra Fiocruz?

JC: Voltei com o Arouca.

ET: Com o Arouca.

JC: É. Mas aí foi a convite do Dr. Hermann Schatzmayr.

ET: Dr. Hermann.

JC: Porque....

ET: Mas, o Hermann só foi ser presidente depois?

JC: Só depois.

ET: Só em [19]90 e... Foi a crise... Foi a crise do Collor, que foi o seguinte. Aí depois que o Arouca saiu, aí teve a.... O Arouca saiu para ser candidato a vice-presidente da República, na chapa do Roberto Freire. Aí o Akira [Homma] completou o mandato dele...Do Arouca. Aí teve a primeira eleição aqui na Fiocruz....

JC: O Dr. Hermann é que ganhou.

ET: Não.

JC: Não, não ganhou não.

ET: Que foi o Akira [Homma] que ficou em primeiro lugar, mas...

JC: Ganhou aquele cara que era – Como é? oftalmologista, o...

ET: Oftalmologista?!

JC: Oftalmologista não, trabalhava com ossos.... Como é o nome dele?

ET: Ortopedista?

JC: Ortopedista lá da Casa de Saúde de Bonsucesso? Que entrou também pra candidato, mas acho que ele era de fora, e não aceitaram não. Como é o nome dele mesmo?

ET: Não sei quem é não. Eu sei que ficou o Akira [Homma], Arlindo [Fabio G. Silva] em segundo e o [Carlos] Morel em terceiro. Aí levaram pro... o ministro era o Alcenir Guerra, o ministro do Collor. Isso, quando que é o Collor mesmo? 90 e?

AL: Em 90, né?

ET: 90 isso. Aí levaram pro Collor. Isso eu sei porque eu entrevistei todos os ex-presidentes agora, estou com eles na cabeça pra um trabalho que eu estou fazendo. Aí o Collor pegou a lista tríplice e disse assim: “Nesse governo só quem é eleito sou eu, não vou nomear nenhum desses três.”. (Risos) Aí... criou esse impasse. Aí o CD da Fiocruz indicou o membro mais... o decano que era membro mais antigo, pra resolver e aí indicou o Luís Fernando Ferreira, foi indicado da Casa [de Oswaldo Cruz]. O Luiz Fernando ficou...

JC: Quem era?

ET: Lá da ENSP.

JC: Lá da ENSP.

ET: Era paleoparasitologia, que mexe com coco de múmia lá.

JC: É, eu tenho livro dele.

ET: Ele ganhou o Jabuti o ano passado, recebeu. O melhor livro científico do Brasil. E aí começaram a negociar, ele não ia nomear ninguém da lista, aí com a negociação foi, então que pelo menos seja uma pessoa que seja da instituição, que ele poderia nomear uma pessoa de fora, quando criou da Fiocruz aqui veio o Vinicius [da Fonseca?] que não era da Fiocruz, não tinha nada a ver com a instituição.

JC: Aí escangalhou tudo aí.

AL: Aí veio o [Herman] Schatzmayr, que foi uma negociação, alguém que era da instituição, mas que não tinha participado da eleição.

JC: Parece que até o Dr. Akira, o Dr. Hermann veio lá da ENSP também na época.

ET: É. Isso.

JC: Então talvez o Akira por indicação.

ET: Aí o Schatzmayr foi nomeado... Isso foi em 90 e? Comezinho da década de 90. Aí ele cumpriu o mandato, aí no final do mandato do Schatzmayr, o Collor caiu, teve o impeachment do Collor e aí foi reapresentada a lista para substituir o Schatzmayr.

JC: Aí como se tivesse uma eleição, né?

ET: Aí o Akira [Homma] já estava em Washington, na OPAS, não queria assumir, e o Arlindo [Fabio G. da Silva] abriu mão para o [Carlos] Morel assumir. Foi o Morel que assumiu o mandato durante os 4 anos.

AL: Quando o senhor chegou em 86, o senhor vai pra onde? Quando o senhor volta?

JC: Fico lá na virologia. Fazendo um trabalho na virologia. E por acaso foi eu que identifiquei o primeiro Dengue 2 e o primeiro Dengue 3 no Brasil na época.

AL: Hum-hum.

JC: Identifiquei, não descobri nada que eu fazia todo o serviço de imunofluorescência, então no microscópio eu identifiquei, que a gente aplicava as 4 monoclonagens, Dengue 1, 2, 3 e 4, e 1 de controle e nesse aí apareceu imunofluorescência, a fluorescência do Dengue 2. Aí foi aquele tumulto, aquele auê. Ninguém podia saber porque para passar, pra passar pro Ministério da Saúde tinha que ser uma coisa com certeza, né? Aí a Marise, a Dra. Rita, todo mundo lá fazendo inoculações e mais inoculações, eu repetindo aquilo, até que foi confirmado depois de uns 15 dias e aí que foi declarado pro Ministério. E depois o Dengue 3 foi a mesma coisa. Também eu identifiquei o Dengue 3, aí fizeram uma festa lá no meu aniversário de 70 anos. O Zé Paulo comprou bolo... Teve uma festa grande mesmo. Até o Dr. Hermann, Dra. Monica, todo mundo foi pra lá pra...

AL: O senhor ficou muito tempo então no laboratório de virologia?

JC: Fiquei.

AL: Final dos anos 80?

JC: Até os 70 anos, porque aí me aposentaram, jogaram na rua, né?

AL: Até a compulsória, até expulsória, né?

ET: Então até 86.

AL: Até a expulsória.

JC: Apesar, apesar de que.... Não, mas eu aí em 88, eu operei o coração, mas continuei trabalhando depois da cirurgia, né? Aí eu tive um infarto, aí comecei a fazer trabalho de

exames com o doutor.... Não me lembro o nome.... Dr. Silvino. Ele ficou me acompanhando nos exames e aquelas coisas toda, pra ter um período de estudo pra ver o que vai ser feito. Foi quando então o Dr. Silvino fez uma declaração que eu estava incapaz de continuar trabalhando porque eu tive um AVC também ou foi um pouco antes, ou depois, não sei se foi o enfarte primeiro, o AVC depois, eu sei que eu tive um AVC e um enfarto. Felizmente não deu gravidade, o cérebro aqui deu lá um trocinho pequenininho e no AVC...

AL: Um enfarte.

JC: Um enfarte. O enfarte também atingiu uma parte muito pequena do coração. Então estou eu aqui andando, correndo, fumando meu cigarrinho, tomando meu vinhozinho.

AL: Foi só um susto. Foi só o susto. (Risos)

JC: É. Não, mas a senhora saber que eu nunca me assustei? Nunca. Então o doutor começou a fazer os trabalhos, aí fez um comunicado pedindo a minha aposentadoria com salário integral por invalidez. Então esse processo foi para Brasília, levou uns três ou quatro anos para tomar uma decisão. Então eu ia lá no Quinino, falava com o Sr. Adalberto, entrava lá no computador, não sei nem se eu trouxe ou joguei fora. Então tinha um papel: 500 e não sei quantos dias aguardando, 200 e tantos dias... Eu sei que ficou nessa brincadeira uns três anos, aí eu fiz 70 anos, aí me jogaram na compulsória, na expulsória, né? Aí eu fiquei desesperado, passei a receber 600 reais por mês. Aí eu fiz uma carta contando toda essa história dos 27 anos, da volta, do trabalho que fazia, aquilo tudo e mandei para o Ministério do Planejamento e Gestão. Dr. José Paulo, que me considera pai dele, ele se considera meu filho, soube desse detalhe ligava para Brasília todo santo dia. Da carta que eu já tinha feito explicando tudo, mandei para a diretora lá do serviço de planejamento e gestão, mas não saía nada. O José Paulo ligava todo santo dia... Falou com a mulherada toda que tinha lá dentro do gabinete, porque cada dia era uma. E rodou, rodou, rodou, rodou, rodou até que um dia, 7 meses depois d'eu ter dado entrada nesse processo, me deram aposentadoria integral, mas foi uma luta, não foi brincadeira não. Voltei para Fiotec.

AL: Hum-hum.

JC: Aí voltei. Estou na Fiotec.

AL: Que bom! Está aqui agora, né?

ET: Virou terceirizado, é isso, seu José?

JC: O que eu posso fazer? Não posso ser mais nada mesmo.

ET: Funcionário que virou terceirizado, é isso?

JC: É.

ET: O servidor que virou...

AL: Ah, importante que está na ativa, né?

ET: Claro!

JC: Graças a Deus, né?

ET: Hum-hum.

AL: Vocês têm mais alguma?

MA: Eu tenho uma pergunta que eu gostaria de fazer. O senhor me tira uma dúvida, uma curiosidade. Quando o senhor mudava de um lugar para outro esse material, assim, os negativos que eram produzidos...

JC: Aí iam ficando onde estavam.

MA: Hum.

JC: O que estava aqui na Rockfeller, continuou na Rockfeller, o que estava lá embaixo no Pavilhão de Curso, não sei nem para onde foi isso porque aí já foi outra chefia, não sei se era o Joel ou se era o Sr. Milton, que era o chefe lá no Pavilhão de Curso, mas eu acho que era o Sr. Joel. Ficou lá na chefia, aí depois eu fui lá para ENSP também não sei lá com quem ficou aquilo, porque depois eu fui aposentado, então não sei quem é que... Que é aquele negócio... a gente faz, mas sai da nossa alçada, ver o andamento disso. Isso aqui ainda tem alguma coisa porque isso aqui fui eu que fiz o levantamento todo. Aquelas fotografias antigas que foram tiradas dos álbuns, não sei se ainda tem, eu mostrei uns negócios de cola...

MA: Tem.

JC: Uma farinha de trigo atrás.

MA: Isso.

JC:Então foram arrancadas desses álbuns e feitas essas fichas assim.

MA: Porque agora nós estamos fazendo um trabalho e nós estamos, então através dessas fichas e com outras fotografias, nós estamos comparando. Porque essas fotos aqui elas são como se fossem uns contatos das outras, as outras fotos de micrografia, né? Fotos dos pacientes, fotos para o inventário de doenças, então é por isso que eu também estou perguntando ao senhor, alguns arquivos estão conosco, no nosso acervo, mas deve ter muita coisa rolando ainda por aí, né?

JC: É. Isso aí é que eu não sei, não sei para onde foi...

MA: O que as pessoas... O senhor tem contato com essas pessoas, ou o senhor visita, né? - esses lugares, talvez o senhor possa...

JC: Já morreu todo mundo. (Risos)

MA: (Rindo) Mas você quer o que...

JC: Já morreu todo mundo. Essa turma toda aí que trabalhava aqui do último que morreu foi Dr. Lobato Paraense.

MA: Aliás, está chegando material dele aí.

AL: Eu estive com ele a pouco tempo, uns 2 anos, 3 anos atrás.

JC: Ele era mais novo que a minha mãe um mês. Ele faz aniversário em outubro, aliás...

AL:Duas perguntas permanecem para mim um pouco obscuras, eu ainda não sei. Origem do CCS, desse setor.

JC: Eu também não sei.

AL: E a origem do que vocês chamam de Multimeios. Multimeios é de que unidade?

ET: É do ICICT.

JC: Agora.

AL: Agora. Perfeito.

JC: Agora, naquela época o Multimeios era lá em cima onde tinha a gráfica, lá com o Genilton.

ET: Agora chama Serviço de... mudou de nome, mas é Multimeios⁵.

AL: Ok. Pertence ao ICICT que, por sua vez, se origina do serviço de comunicação social da presidência.

ET: É, toda parte de comunicação social, ela vem do Arouca, pra trás eu não conheço a história, né? Ela vem da assessoria de imprensa do Arouca. O Arouca é o cara que chega aqui na Fiocruz, quando ele assume a Presidência, ele muda a cara da instituição, ele cria junto com... não é só ele, claro, né? Ele, o Luís Fernando [Dias Ferreira], aí que entra o [Paulo] Gadelha.

JC: O Gadelha.

ET:Cria a Casa de Oswaldo Cruz, cria a Escola Politécnica, cria...

MA: O ICICT.

ET:É, o ICICT ainda não existia... o ICICT é, cria a CCS, que é a origem do ICICT, né? Eu acho que é o único que ficou com o nome os 25 anos foi a Casa [de Oswaldo Cruz], que os outros todos... tipo assim, aí ele cria através da Aurea... Vocês conheceram a Aurea, né? A Aurea era assessora do Arouca na Comunicação Social. Aí o Arouca diz: 'Oh, vamos fazer... temos que fazer audiovisual, vídeo, não sei o que', a Aurea que vem junto com a Janine [Miranda Cardoso] constituir o Núcleo de Vídeo.

AL: Aurea, né?

MA: Aurea [Maria] da Rocha Pitta.

JC: Aí o Núcleo de vídeo vai evoluindo... como é que chamava? Depois da Comunicação Social, veio o CICT, Centro de Informação e Comunicação Científica e Tecnológica em Saúde. Aí, alguns anos atrás virou um Instituto, virou uma unidade da Fiocruz. Aí hoje já tem seus cursos, como a Casa também, e criou a sua pós-graduação, oICICT também tem a sua pós-graduação. Então, é o Arouca que faz toda essa...

⁵ O nome do local com a estrutura atual é Multimeios apenas e pertence ao ICICT.

AL: Onde tinha a Presidência, né?

ET: Exato. É o Arouca que faz toda essa reformulação.

JC: Eu até estranhava, o Dr. Arouca quando estava aí, os funcionários chamavam ele você.

ET: É. Era super gente boa ele.

JC: Eu nunca chamei nenhum pesquisador, ninguém de você, eu chamo sempre de senhor, senhora, senhor, doutor, mas isso é do hábito antigo, né? Professores na faculdade, todo mundo era você, todo mundo eu chamava de senhor.

ET: É.

MA: O senhor Walter, aquele que foi do Multimeios, né?

ET: Pois é, seria uma boa pessoa, uma pessoa interessante para ver essa trajetória da gráfica, como que... Porque todo esse acervo que está com vocês aí, ele veio, a gente pegou do Multimeios, estava tudo lá depositado no Multimeios.

MA: O senhor Walter está vivo ainda, né?

AL: A origem da Casa, né?

ET: A origem do... Chamava Arquivo Iconográfico, quando a gente começou aquele projeto financiado pela FINEP.

JC: Bastava ter essas fichas, não é isso?

ET: Pois é, todo esse material foi resgatado com o projeto FINEP.

JC: Pois é, porque isso aí eu te digo, eu não sei, não sabia onde estava isso. Eu sempre falava com o Rodrigo de vir aqui para ver onde encontrava esse material. Então agora o senhor estava explicando, foi tudo pro Multimeios, né?

ET: Pois é, o senhor falou então que o que era da Rockfeller ficou lá na Rockfeller.

JC: É, mas depois...

ET: Depois foi pro Pavilhão, então nunca teve... Nunca teve, não sei, mas essa preocupação que vem com a Casa [de Oswaldo Cruz] de juntar é uma coisa depois.

JC: É, porque não jogaram fora.

ET: Então aí chega um pesquisador lá diz: Poxa, mas isso tem que... se o sujeito morre, o que faz? Tem negativo e não sei o quê, o que faz? Ou joga fora ou manda para a Casa, por exemplo, o pessoal que tem a ver com isso.

JC: Nesse período começaram a acabar negócio de fotografia do IOC, fotografia que era na Rockfeller, fotografia... acabou. Ficou a ENSP; fotografia lá muito rudimentar, que não fazia serviço pra fora de lá. Aí veio o Guto, veio o Rodrigo, veio esse pessoal todo que começou a fazer as fotografias...

ET: Tinha o PEC lá da ENSP, o senhor lembra? Ouviu falar do PEC?

JC: PEC?

ET: Tinha o Gilberto que fazia coisa de fotolito, de... que era o Programa de Educação...

JC: Tinha o Jota.

ET: Também. Isso. Aí o primeiro laboratório que... me lembro que fui eu que montei, fui lá furar a parede e furei um cano - pra fazer as cópias de contato, os negativos das exposições⁶, que virou álbum depois, a gente montou um laboratório lá na ENSP para...

JC: A senhora está vendo o que ele está explicando? Em N lugares começaram a fazer alguma coisa que tem a história do Instituto. Então era o caso dele lá com o senhor Jorge lá nas (Inaudível), tinha lá o Genilton lá em cima no Multimeios, tinha... Aí veio esse outro que estava lá embaixo, no [Pavilhão do]Relógio também.

ET: O Flavio.

JC: O Flavio.

ET: Flávio de Souza, aí veio o Rodino depois, o Paulo Rodino.

JC: É. Esses eu não cheguei a conhecer, não sei quem é. Então começaram a aparecer N, que eu também não sei quem os convocava para fazer um serviço, porque se a direção era uma só, aí veio a Casa de Oswaldo Cruz, que começou também, não sei se vocês pedem hoje pra que eles façam as fotografias, não sei.

⁶ O depoente se refere à publicação "A ciência a caminho da roça: imagens das expedições científicas do Instituto Oswaldo Cruz ao interior do Brasil entre 1911 e 1913", organizado por Eduardo Thielen et alii, Ed. Fiocruz, 1992.

AL: Não.

JC: Pois é, então...

ET: Tem os fotografos da Casa que tem uma documentação.

AL: Faz para Casa.

ET: É, que faz.

AL: Hoje... eu acho que as unidades hoje têm sua autonomia para produzir registros.

JC: Pois é, aí está o problema.

AL: Hoje eu acho que...

ET: Não, ainda mais hoje com essa facilidade, tudo digital, tudo barato.

JC: Digital, é.

ET: Os próprios pesquisadores hoje...

JC: Pois é, isso que o Guto faz aí, não sei o que tanto ele sai para fotografar. Vem alguma coisa pra cá?

MA: Não. Tem do Peter, tem do Gutemberg tem alguma coisa via CCS...

ET: O Peter é da Presidência.

AL: Só vem pra cá quando já é arquivo permanente. Só vem pra cá...

JC: Isso vem pra cá e fica aonde lá em cima?

AL: Ah, isso fica nas unidades e quando já é antigo ao ponto de precisar ser recolhido para um arquivo central, aí vem para cá. Mas fica nas unidades.

JC: Mas isso é perigoso, sabia? Esse material que fica em unidade como o nosso que depois foi aparecer lá na...

AL: Mas por isso é que nós estamos implantando um sistema de gestão de documentos, a Casa daria subsídios lá, daria assessoria para as Unidades guardarem seus documentos...

JC: Ainda deve ter muita coisa antiga que a gente nem sabe nem onde está.

AL: É.

JC: Porque existe uma certa...

ET: Não, tem muita coisa que foi... que o pesquisador levou pra casa, ou o funcionário levou para casa, tipo o Sidney, que é famoso esse caso, ele levou a produção dele pra casa. Então tem um acervo fantástico da ENSP que está na casa dele.

AL:É, você contou, né?

ET:Mas, por exemplo, no início da Casa [de Oswaldo Cruz] a gente ia captar... como continua fazendo, vocês falaram do Lobato agora, né? A gente ia captar acervo de... morreu o pesquisador e a família doava para a gente; a gente ia lá; aí tinha fotos também que vinha, que estavam nesses acervos privados.

JC: Vocês não têm contato com a neta do Dr. Walter Cruz, né?

NR: Não.

JC:Sabe quem é?

AL: Temos conversado com a neta do Bento...

NR: Temos com o Oswaldo Cruz Filho. O Dr. Eduardo Oswaldo Cruz.

JC: Está aqui?

NR: Não, ele...

JC: Ele mora na França, né?

NR: Não, ele voltou da Inglaterra, da França.

ET: Da Inglaterra.

NR: Da Inglaterra, aliás.

JC: Que essa neta do Walter Cruz, ela mora na Bélgica... aliás, na Espanha. Bélgica ou Espanha, mas ela estava fazendo alguma coisa lá em cima do Castelo. E ela gosta muito de fazer fotografia, então ela...

AL: É a Ana? Tem uma Ana.

JC: Ana. A Ana Oswaldo Cruz.

AL: Que está fazendo um livro pra Presidência agora. Ela já esteve aqui.

JC: É uma magrinha, né?

AL: Tem um projeto com a Presidência, Ana Oswaldo Cruz, eu já estive com ela.

JC: É. Ela também já esteve lá comigo...

AL: Ela já esteve aqui, ela está fazendo um livro.

JC: Já fotografou aqueles meus trabalhos lá dos arquivos, do arquivo das lâminas.

AL: Vamos então? Eu gostaria de... vocês têm mais alguma pergunta?

JC: Eu quero pegar pelo menos o ônibus das 4 ali embaixo.

ET: Não, está ótimo. Vamos continuar né seo José...

JC: Outro dia a gente vem, porque depois vamos botar na cabeça... Que passa um monte de coisa, um monte de bobagem que eu quero dizer que depois quando juntar, reformular, botar do início pro fim, porque ainda falta esse início que é a história do meu início de eu chegar aqui hoje, entendeu? Como era a Fundação, como era a casa do Joaquim Venâncio, como era a casa do seu Amadeu que era aqui onde tem o Banco hoje, não era ali. O senhor Amadeu tinha horta, ele tinha...

ET: Interessante, seria interessante preparar isso. Ver o que tem de imagem lá no acervo dessa época para ajudar, porque eu acho que quem vai se interessar muito por isso é o Renato [Gama Rosa] que eles têm um trabalho junto com...

JC: O Banco do Brasil ali tem aquela... a senhora já foi lá no Banco do Brasil, aquela agência ali?

AL: Já.

JC: Tem aquela escadinha, não tem?

AL: Tem.

JC: Aquilo ali era uma casa, onde tem aquela escadinha, era uma rampa onde era guardado ali, o depósito de combustível aqui da Fundação, pra ficar isolado dos prédios, então tinha uma rampa e os tambores iam rolando, subiam e botava lá dentro daquele depósito que aí fizeram o

Banco do Brasil. Tiraram aquela rampa, fizeram a escada, ficou aquele negócio pequenininho. Agora a pouco que eles aumentaram, né? Mas continuou pequenininho como era essa casa do tempo do depósito, e atrás ali do Banco do Brasil, tinha a chácara. A gente chamava de chácara do seu Amadeu, que o filho dele trabalhava também aqui no Instituto, o Avelino.

ET: Chácara? Porque era muito grande?

JC: Não, porque tinha plantação de fruta...

ET: Ah, tinha um pomar, né?

JC: Era tipo um pomar, gente vinha pegar couve, alface. Eu não sei como é que esse pessoal ficou ali dentro, mas ficou muitos anos ali. E tinha o seu Amadeu ali, tinha o Joaquim Venâncio lá naquela coisa que é negócio de inseto, pra matar inseto, e a casa continua lá e pouca gente dá bola para aquela casa, não sabe nem o que é aquilo. E tinha outras casinhas aqui embaixo de pessoas aí que quando eu fui assaltado até pensaram que eu morava ali. E tinha também, nos fundos da casa do Joaquim Venâncio, também umas moradias lá, o pessoal morando lá dentro. E no fim do muro que sai lá no portão 2, lá para Manguinhos, ali também tinha umas casas dentro do terreno do Instituto, depois fizeram um muro e tiraram o pessoal dali.

AL: A Nathacha tem uma pergunta.

NR: Essas fichas, o material que foi produzido no tempo do J. Pinto, o senhor explicou que foram feitas na década de 50?

JC: O que?

NR: Essas fichas de negativo.

ET: Essas fichas têm a data.

JC: A data da fotografia.

NR: Sobre aquelas fotografias produzidas no tempo do J Pinto.

JC: Não, aqui é a data da fotografia. No tempo do J Pinto eu não sei se nas placas, nas chapas, ou nas cópias tem aquilo vasado que ele usava não sei como uns tipos que quando copiava saía marcado no coisa, eu não sei se tem data ou é só o tamanho, número de registro, eu não me

lembro agora de cabeça se tem data da fotografia. Porque eu estava vendo aquele livro, mas eu acho ele muito incompleto na informação fotográfica.

AL: Qual o livro, o das Expedições?

JC: É. Não tem praticamente nada, é um grupo de pessoas, então...

AL: É o que tinha na época de informação também. Esse livro é da década de 80, início de...

JC: Não, mas é de 2011, 2013.

NR: Qual o livro?

ET: Não, é esse livro... (Risos)

JC: 1911, 1913.

AL: É 'A ciência a caminho da roça', não? Ele está incompleto...

NR: Não, mas é que eu queria...

ET: Não, a pergunta dela procede. Eu acho que sei o que você está querendo perguntar, na época do J Pinto, não existiam essas fichas aqui.

JC: Não.

ET: Então essas fichas elas foram feitas depois.

JC: É. Isso foi feito na época do...

ET: Agora as fotos das expedições, isso eu trabalhei eu sei muito bem, algumas tinham essas fichas.

JC: Tem essas fichas.

ET: Elas foram feitas depois...

JC: Depois.

ET: Em cima do acervo do J Pinto.

NR: Eu queria saber se tinha antes.

JC: Até porque vocês limitam muito assim: acervo de J Pinto, acervo de...

ET: A gente trabalhou até [19]40...

JC: Eu sei, mas eu digo, do material deixado pelo J Pinto.

ET: Exatamente.

AL: É. O material que já estava, vocês catalogaram isso depois, né?

JC: É. Então foram feitos... Pegou esses álbuns que eu não me lembro onde é que estavam, se estavam lá cima no Castelo, foram pegos esses álbuns, umas caixas com as chapas de vidros, os negativos e esses álbuns que eu arranquei as fotografias que eram álbuns velhos, vermelhos, e tudo, para fazer essas fichas. Aí sim que foram feitas as fichas, mas já na Rockefeller, entendeu? Já de 1956 pra cá.

ET: Então é isso.

JC: 56, 57, 58, por aí assim, entendeu?

MA: Sr. José, então em alguns negativos de livro nós encontramos a fotografia, do jeito que o senhor está falando, ainda com esse particular, todo em tecido de linho.

JC: É. Tecido de linho.

MA: Então como se tivesse sido recortado de um álbum e colocaram o negativo e a foto juntos como se fosse a referência, foto e negativo, às vezes...

JC: Isso aí já foi alguém que fez depois.

MA: Ah ta.

JC: Porque na época lá, a gente só fazia essas fichas, identificava... Não sei se... Raspava aqui, não sei se vocês têm, tá raspado aqui na ponta da coisa com o número desse número do registro que está na ficha. Já acharam alguma chapa assim?

ET: Hum-hum. Hum-hum.

JC: Raspado com o numerozinho. Esse numerozinho refere-se ao número da ficha que está aqui dá...

ET: No caso dos negativos das Expedições tem negativos que está escrito com tinta na própria chapa o número do negativo.

JC: É, o numerozinho aqui.

ET: Exatamente.

NR: Tem um coladinho aqui.

ET: Não, tem uns com papel, mas tem outros que são pintados na própria chapa.

JC: Esse papel já é na época do J Pinto, já veio, quando a gente pegou aquilo ali já tinha esses papeizinhos colados lá que eu não lembro nem o que tem colado lá.

NR: Coleção de fototipos e um número.

JC: Agora quando tem o número na chapa de vidro, foi raspado aqui uma (incompreensível – cristalinidade?) e colocado o número de registro aqui.

AL: Vocês é que faziam isso?

JC: É, para poder identificar porque senão a gente fazia a ficha, mas não sabia o que era.

MA: Eu verifiquei que tem fichas, quer dizer, a descrição é de uma foto produzida em 1950, mas a ficha foi feita em 56, 57... É isso então.

JC: É.

MA: Vocês faziam a descrição de uma foto feita anteriormente, há alguns, 5, 6 anos antes.

JC: É.

ET: No caso das Expedições você vai ver que a data da...

JC: Porque, por exemplo, aquelas fotos J Pinto...

ET: Quer dizer, essa data eu acho que se refere à fotografia.

MA: Eu acho que essa data é de quem fez a ficha porque você pode ver que aqui tem fotos que é de 1950 pela descrição.

JC: Pois é, então isso aí eu não sei se era orientação do doutor... Está ligado já isso, né?

ET: Ah, está certo! A data estava aqui...

JC: Do Dr. Venâncio, porque é aquele negócio que o chefe fala: “Faz assim, faz assado”. Então ia fazendo. Vamos dizer essa data aqui. Aqui não foi feito por mim, então já estava

mesmo voltado, já tinha voltado do Exército. Então... Mas pode ter foto aqui 1950... 50 não porque isso não estava sendo feito em 50, isso foi feito mesmo depois de 56, mas fotografia que a gente vê que foi feito em 1930. Aí a data que está aqui é a data do dia que a pessoa fez a ficha.

ET: Isso. E aí a data da foto está aqui em cima como está essa aqui, 1950. É verdade.

AL: É.

ET: Bacana.

AL: Bom, então assim, encerramos aqui por hoje a nossa sessão, queria agradecer a sua participação também.

JC: Nada, é marcar outra.